



**NOSSAS
RUAS
COM
CINEMA**

**CINE
SER
VER
LUZ**

LIVRO_CATÁLOGO



CINE
SER
VER
LUZ

NOSSAS RUAS COM CINEMA

Organização

Deisimer Gorczewski
Gerardo Rabelo
Maria Fabiola Gomes
Pedro Fernandes
Priscilla Sousa
Sabrina Araújo

Fortaleza/CE
2019



Imprensa
Universitária
UFC

Presidente da República JAIR MESSIAS BOLSONARO
Ministro da Educação ABRAHAM BRAGANÇA DE VASCONCELLOS WEINTRAUB



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Reitor PROF. JOSÉ CÂNDIDO LUSTOSA BITTENCOURT DE ALBUQUERQUE
Vice-Reitor PROF. DR. JOSÉ GLAUCO LOBO FILHO



IMPRENSA
UNIVERSITÁRIA

Diretor JOAQUIM MELO DE ALBUQUERQUE
Vice-Diretor FRANCISCO CHARLES ROCHA E SILVA RIBEIRO

CONSELHO EDITORIAL

Joaquim Melo de Albuquerque | Presidente
Prof. Claudio de Albuquerque Marques | Pró-Reitor de Graduação
Prof. Antônio Gomes de Souza Filho | Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Prof. Rogério Teixeira Masih | Pró-Reitor de Extensão
Prof. Augusto Teixeira de Albuquerque | Pró-Reitor de Planejamento e Administração
Prof^ª Maria Elias Soares | Representante dos Diretores das Unidades Acadêmicas
Francisco Jonatan Soares | Diretor da Biblioteca
Titular: Prof. Luiz Gonzaga de França Lopes | Ciências Exatas e da Terra
Suplente: Prof. Rodrigo Maggioni
Titular: Prof. Armênio Aguiar dos Santos | Ciências Biológicas
Suplente: Prof. Márcio Viana Ramos
Titular: Prof. André Bezerra dos Santos | Engenharias
Suplente: Prof. Fabiano André Narciso Fernandes
Titular: Prof^ª Ana Fátima Carvalho Fernandes | Ciências da Saúde
Suplente: Prof^ª Renata Bessa Pontes
Titular: Prof. Alexandre Holanda Sampaio | Ciências Agrárias
Suplente: Alek Sandro Dutra
Titular: Prof. José Carlos Lázaro da Silva Filho | Ciências Sociais Aplicadas
Suplente: Prof. William Paiva Marques Júnior
Titular: Prof. Irapuan Peixoto Lima Filho | Ciências Humanas
Suplente: Prof. Cássio Adriano Braz de Aquino
Titular: Prof. José Carlos Siqueira de Souza | Linguística, Letras e Artes
Suplente: Prof. Osmar Gonçalves dos Reis Filho

ASSOCIAÇÃO
DOS
MORADORES
DO
TITANZINHO



Nº-28



CINEMA
DAS
MULHERES





**COLETIVO AUDIOVISUAL
DO TITANZINHO
E CINE SER VER LUZ**

**Gerardo Rabelo
Maria Fabiola Gomes
Pedro Fernandes
Priscilla Sousa
Sabrina Araújo**

VISITE-NOS TAMBÉM
PELA INTERNET

*facebook.com/
cineclubeserverluz*
cineclubeserverluz.
wordpress.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Marilzete Melo Nascimento CRB 3/1135

N897 Nossas ruas com cinema (recurso eletrônico) : cine ser ver luz / Deisimer Gorcevski, Gerardo Rabelo, Maria Fabiola Gomes, Pedro Fernandes, Priscilla Sousa e Sabrina Araújo (Organizadores). - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019.
4,94 Mb : il. color. ; PDF.

ISBN: 978-85-7485-363-5

1. Arte. 2. Intervenção urbana. 3. Cinema. I. Gorcevski, Deisimer, org. II. Rabelo, Gerardo, org. III. Gomes, Maria Fabiola, org. IV. Fernandes, Pedro, org. V. Sousa, Priscilla, org. VI. Araújo, Sabrina, org. VII. Título.

CDD 700

Esta publicação foi feita com recursos do Edital Cinema e Vídeo 2014 da Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Ceará.

Fortaleza/CE, 2019

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

REALIZAÇÃO



Associação
de Moradores
do Titanzinho

FINANCIAMENTO



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

APOIO

LAMUR
Laboratório Artes e
Micropolíticas Urbanas

EM-ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES/ICIA/UFCE



**instituto
de cultura
e arte**
UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



UFC



NOSSAS RUAS COM CINEMA

*Livro/Catálogo
com algumas
das atividades
realizadas
pelo Cine Ser
Ver Luz de
2015 a 2016,
no Serviluz,
em Fortaleza,
no Ceará.*

FICHA TÉCNICA

Organização

Deisimer Gorczewski
Gerardo dos Santos Rabelo
Maria Fabiola Gomes
Pedro Fernandes
Priscilla Sousa
Sabrina Araújo

Editoração

Coletivo AudioVisual do Titanzinho
Deisimer Gorczewski
Nataska Conrado

Criação do Projeto Gráfico e Diagramação

Nataska Conrado

Revisão

João Miguel Lima

Capa

Nataska Conrado
Bruno Ribeiro (Spote)

*Todas os textos e imagens
aqui compartilhados foram
gentilmente cedidos por seus
autores e expressam suas
ideias e opiniões.*

Textos

Gerardo dos Santos Rabelo
Maria Fabiola Gomes
Pedro Fernandes
Priscilla Sousa
Sabrina Araújo
Deisimer Gorczewski
Associação dos Moradores
do Titanzinho
André Aguiar
Samuel Brasileiro
Valéria Pinheiro
Eduardo Escarpineli
Glória Diógenes
Carla Galvão Farias
Raisa Christina
Aline Albuquerque
Cadu Freitas
Victor Furtado
Amanda Nogueira
Nataska Conrado
João Miguel Lima

Fotografias

Priscilla Sousa
Deisimer Gorczewski
Bruno Ribeiro (Spote)
Ana Paula Veras
Cecília Shiki

Bolsistas de Iniciação Científica - Universidade Federal do Ceará

Ana Paula Veras
Bolsista Funcap 2015-2016
Emília Schramm
Bolsista UFC 2016-2017
Yuri Peixoto
*Bolsista UFC Voluntário -
2016*

Mapa Serviluz [Encarte]

Bruno Ribeiro (Spote)
Maria Fabiola Gomes
Priscilla Sousa
Pedro Fernandes
Deisimer Gorczewski
Sabrina Araújo
Cecília Shiki
Nataska Conrado
Gleison Cruz
Felipe

NOSSAS RUAS COM O CINE SER VER LUZ . 7

Cine Ser Ver Luz

COLETIVO AUDIOVISUAL DO TITANZINHO . 9

Gerardo dos Santos Rabelo

Maria Fabiola Gomes

Pedro Paulo Fernandes Araújo

Priscilla de Sousa

Sabrina Késia de Araújo Soares

CINEMA COM A RUA: EXPERIÊNCIAS COM O CINE SER VER LUZ . 13

Deisimer Gorczewski

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO TITANZINHO . 16

SESSÕES

VEEM CINEMA UM FAROL E ALGUNS CATA-VENTOS . 88

Nataska Conrado

ZINES DO CINE, PEQUENOS GRANDES CONVITES . 90

João Miguel Lima

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES . 92

APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES . 95

#1 MEMÓRIA . 20

#2 DIREITO À CIDADE . 26

#3 MARINTIMIDADE . 32

#4 ARTE URBANA . 40

#5 JUVENTUDES . 48

#6 ARTE E NATUREZA . 54

#7 DEMOCRACIA E DIVERCIDADE . 60

#8 INTERIOR . 66

#9 AFETO E AMIZADE . 74

#10 COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS . 80

Memória Serviluz _ <i>André Aguiar</i> . 23
Um Olhar para a Memória _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 25
Direito à Cidade: Aprendizados e Disputas por Qualidade de Vida Urbana _ <i>Valéria Pinheiro</i> . 29
“Imagens do Mundo e Inscrições da Vida” _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 30
O Cinema e o Mar _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 35
A Água, os Visitantes e as Estórias Incompletas _ <i>Eduardo Escarpineli</i> . 36
A Cidade e suas Marcas: os Rastros das Artes de Rua _ <i>Glória Diógenes</i> . 44
Luz, Cidade e Caminho _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 45
A Cidade dos Riscos _ <i>Carla Galvão Farias</i> . 46
Juventude em Marcha _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 51
Jovens que Desenham Modos de Vida _ <i>Raisa Christina</i> . 52
Arte e Natureza _ <i>Aline Albuquerque</i> . 57
A Natureza do Cinema _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 58
Ver Filme Junto _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 63
Por Que _ <i>Carlos Eduardo Freitas (Cadu Freitas)</i> . 64
O Tempo, o Espaço e o Cinema _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 69
Interiores _ <i>Maria Fabiola Gomes</i> . 70
Quando o Cinema Vai ao Campo _ <i>Victor Furtado</i> . 71
Afeto e Amizade _ <i>Samuel Brasileiro</i> . 77
Pequena Reflexão sobre a Amizade _ <i>Maria Fabiola Gomes</i> . 78
Rumo _ <i>Raisa Christina</i> . 79
Tecnodinâmicas do Cotidiano _ <i>Amanda Nogueira</i> . 83
Comunicação e Pluralidades _ <i>Carlos Eduardo Freitas (Cadu Freitas)</i> . 84



NOSSAS RUAS COM O CINE SER VER LUZ

O **Cineclube Ser Ver Luz** é um desdobramento das experiências singulares e coletivas que os jovens integrantes da *Associação dos Moradores do Titanzinho* vivenciam desde 2009, no bairro Serviluz, em Fortaleza.

Com a realização da I Mostra AudioVisual do Titanzinho, em 2011, alguns participantes e colaboradores da Pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da *Associação dos Moradores* retomaram o gosto e as experiências em criação, produção, edição e, sobretudo, nas exibições audiovisuais. Após a realização da II Mostra, em 2013, os jovens decidiram formar o *Coletivo AudioVisual do Titanzinho*, que hoje compõe a frente das intervenções no bairro. Nesse processo ressurgiu a proposta de criação de um cineclube, e com ele a pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz*, no Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR), na UFC, entendendo a relação entre o cinema, o bairro, a pesquisa e a intervenção como possibilidades de inventar outros modos de produção como também de conhecimento.¹

O **Cine Ser Ver Luz** inicia suas ações com o desejo de ampliar os espaços de criação e exibição audiovisual, primeiramente produzindo vídeos com as ruas São José e General Titan, e apresentando-os aos moradores. Com essas primeiras experiências e a realização das Mostras AudioVisuais, o *Coletivo* decide apresentar o projeto **Cineclube Ser Ver Luz** ao Edital de Cinema e Vídeo da Secult – CE, em 2014. Com a aprovação do projeto, em 2015, realizamos um conjunto de dez sessões temáticas – *Memória, Direito à Cidade, MarIntimidade, Arte Urbana, Juventudes, Arte e Natureza, Democracia e Diversidade, Interior, Afeto e Amizade e Comunicação e Tecnologias*.

A programação das sessões envolveu a escolha de filmes internacionais, nacionais, regionais e da produção cearense, bem como documentários, vídeos e curtas, no sentido de promover a cultura audiovisual local, regional e brasileira. Além disso, as sessões possibilitaram momentos de encontro, debate e lazer com as ruas, as praças, a praia e o farol, espaços de convivência partilhados

por crianças, jovens e idosos que vivem no Serviluz e em outros bairros da cidade.

A criação do cineclube também implica avançar no debate da relação entre a experiência ética e estética na produção de conhecimento e nos modos de viver e inventar distintas realidades. Nesse sentido, as sessões temáticas foram também espaços de formação. Convidamos realizadores de alguns filmes e curadores das sessões a participar das sessões, valorizando e instigando o senso crítico, enfatizando modos singulares de exibição audiovisual com temáticas variadas, aproximando questões que são próximas ao movimento da vida, trazendo à tona problemas e potencialidades vividas no cotidiano, e afirmando o lugar de moradia, os espaços de participação comunitária e a produção audiovisual como política ativa na viabilização do direito à arte e à cultura, como uma conquista de todos.

O livro-catálogo “**Nossas ruas com cinema**” apresenta o *Coletivo AudioVisual do Titanzinho*, a *Associação dos Moradores*, um exercício de conversa do Cinema com a Rua e um conjunto de escritas de convidados, trazendo experiências com as temáticas das sessões do **Cine Ser Ver Luz**, entre 2015 e 2016. Um fazer cinema com as ruas, os becos, as praças e o Farol do Mucuripe, contado com aliados do bairro e da cidade de Fortaleza.

Agradecemos a todos que aceitaram o convite e colaboram para tornar nosso Cine realidade.

CINE SER VER LUZ

¹ No percurso das pesquisas e das intervenções ressaltamos o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) com bolsas de iniciação científica, entre 2011 e 2016.

COLETIVO AUDIOVISUAL DO TITANZINHO

Com experiências singulares e coletivas na área do cinema e da fotografia, desde 2009, e Oficinas de Edição e Mostras AudioVisuais no Titanzinho, em 2011 e 2013, alguns jovens participantes e colaboradores da *Associação dos Moradores* e da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes na Universidade Federal do Ceará (UFC), foram retomando a proposta de criação, produção e circulação de filmes, vídeos e exposições fotográficas. Nesse processo, constata-se a força das imagens de si e do bairro a provocar desejos, inclusive ressurgindo algumas propostas antigas como a criação de um cineclubes na Associação.

O *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* vem assumindo a proposta de organizar o **Cineclubes Ser Ver Luz**, bem como encontrar meios para a produção audiovisual local, entendendo-a como possibilidade de inventar outros modos de visibilizar o bairro e seus moradores, considerando a promoção da expressão artística de suas singularidades.

Em articulação com a proposta do cineclubes, o *Coletivo* propõe a criação de um carrinho, nomeado pelos jovens de Carrim das Artes, a fim de ampliar a circulação das produções nacionais, regionais e cearenses com as ruas e as praças do bairro, com tecnologias que viabilizem a projeção e a sonorização de filmes, vídeos e curtas. E, desse modo, inventar o Cinema sem paredes.

O *Coletivo* passa hoje por um crescente movimento de auto-organização e autogestão, renovando antigas alianças e construindo novas. Seus participantes, impulsionados pelo desejo de se afirmarem como produtores e gestores audiovisuais, com questões e ideias próprias, trabalham com narrativas que atualizam o debate e consideram a relevância dessas experiências, ampliando as possibilidades criativas e inventivas dos que vivem em bairros periféricos.

O *Coletivo* surge com a proposta de fomentar a produção alternativa e, em especial, a circulação de filmes, vídeos e curtas em circuitos, mostras e sessões do **Cineclubes Ser Ver Luz**. Além disso, o processo de criação audiovisual oferece aos envolvidos possibilidades de análise e observação de si e

do ambiente onde vivem, trazendo à tona modos de ser e habitar a comunidade, um exercício também propiciado pela experiência oferecida durante a preparação das sessões e mostras audiovisuais.

As sessões experimentais do **Cineclube Ser Ver Luz** iniciaram, ainda em 2014, com ruas e praças, no Farol antigo e na *Associação dos Moradores do Titanzinho*, no bairro Serviluz. A primeira sessão teve a exibição do vídeo “O Pessoal da São José”, realizado pelo *Coletivo*, fruto das intervenções urbanas e audiovisuais, com a rua São José. Nessa rua, vivem algumas das moradoras mais antigas do bairro. No vídeo, dona Justa e as vizinhas Rosa e Berê descrevem o Serviluz de outros tempos, quando tudo começou para aqueles que desafiaram a areia da praia, levantaram casa e constituíram família nesse território.

O Farol antigo tem sido um dos espaços prioritários das ações do Cineclube, em especial, pela importância histórica e cultural enfatizada pelos moradores e por conta do descaso com um patrimônio público em situação de abandono. Em outubro de 2014, realizamos a primeira sessão na escadaria do Farol, uma exibição marcada por um Ato de protesto em defesa do Farol Velho, tendo também a exibição do vídeo “O Pessoal da São José” e do filme “Cine Holiúdy: o artista contra o caba do mal”, ou seja, uma programação que incentiva a cultura audiovisual local, regional e brasileira, além de possibilitar espaços de encontro e debate e momentos de lazer.

As conversas, a participação e o interesse dos moradores, bem como o envolvimento dos jovens nas Mostras Audiovisuais (realizadas entre 2011 e 2016) e nas sessões do Cineclube (iniciadas experimentalmente em 2014), evidenciam a demanda e o desejo por espaços de encontro com a arte cinematográfica. Experiências de fruição que, ao proporem modos singulares de exibição audiovisual, ampliam as expressões do sensível, trazendo à tona problemas e potencialidades que promovem a afirmação do lugar de moradia, dos espaços de participação comunitária e da produção audiovisual como política ativa que fortalece a relação entre a experiência ética e estética na construção do conhecimento e nos modos de inventar distintas realidades.

Um cinema sem paredes vem afirmando as experiências de exibição com as ruas São José, General Titan, Leite Barbosa, Pontamar e Vicente de Castro, as Praças São Francisco, Tiago Dias

e da Estiva, o Farol antigo e a *Associação dos Moradores do Titanzinho*. A aprovação do projeto do Cineclube no Edital de Cinema e Vídeo da Secretaria da Cultura do Ceará, nas edições de 2014 e 2015, vem potencializando as ações do **Cine Ser Ver Luz**, que passa a exibir filmes nacionais, regionais e da produção cearense, bem como animações, documentários e ficção em diferentes regiões do bairro. Para as sessões também foram convidados os grupos de teatro Dito & Feito e Coletivo Verde Luz, que realizaram apresentações de abertura e/ou encerramento.

Em 2016 e 2017, foi possível criar e realizar um conjunto de sessões mensais, contando com a participação intensa das crianças e dos jovens, assim como a presença de muitos pais, mães e idosos, conforme pode ser visto em fotografias e vídeos nos links do Facebook e do blog. A proposta de criar as sessões temáticas surgiu em reuniões do *Coletivo AudioVisual* com a participação de colaboradores e a formação de curadorias para cada uma das sessões. Entre os temas, interessou a relação do Cinema e do Audiovisual com questões como: Direito à Cidade, Memória, MarIntimidade, Arte Urbana, Juventudes, Arte e Natureza, Democracia e DiverCidade, Afeto e Amizade, Interior e Comunicação e Tecnologia. Também foram realizadas duas sessões Peixinho, priorizando o público infantil.

Tais sessões foram produzidas em aliança com apoiadores, entre eles: Projeto de Vida, Cine Molotov, estudantes do Curso de Comunicação da UFC, Companhia AnDança, Coletivo Nigéria, a Bienal Internacional de Dança – Par e Par e CineMar – Poço da Draga. Nesse mesmo período, em aliança com a pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz – PPGArtes ICA|UFC*, foram realizadas as intervenções Luzes do Farol, Vendo Mar e Farol – Ocupações, contando também com bolsistas de iniciação científica e colaboradores do Cine, moradores de outros bairros da cidade.

GERARDO DOS SANTOS RABELO
MARIA FABIOLA GOMES
PEDRO PAULO FERNANDES ARAÚJO
PRISCILLA DE SOUSA
SABRINA KÉSIA DE ARAÚJO SOARES



CINEMA COM A RUA: EXPERIÊNCIAS COM O CINE SER VER LUZ

Bom dia, Rua São José!

Como estás, Pracinha São Francisco?

Rua General Titan, antiga Amâncio Filomeno, a tua memória resiste!

Feliz com a homenagem, Pracinha Tiago Dias?

Pontamar, agradeço a partilha da tua intimidade com a praia!

Pracinha da Estiva, muitas lições, entre elas: o desafio da escuta.

E os encantos ao andar com a Conefor ... estética sensível.

Pracinha da Nezita, que surpresa ao caminhar com a Murilo Borges!

Voltar à Estiva, agora na outra ponta da Vicente de Castro.

Já andava com saudades, Leite Barbosa, rua onde tudo começou!

Seu Farol, podemos ativar suas luzes nesta noite? E em muitas outras?

Com vocês, voltei a respirar os ares mais próximos ao vivido, antes de ser aprisionado às salas escuras e ao silêncio fabricado, em meio ao turbulento mundo das máquinas industriais produtoras de modos de ver, viver e sentir em série.

Experimentar espaços ao ar livre, ocupando ruas e praças e sendo projetado em paredes e muros de casas, fez emergirem sensações que andavam há muito esquecidas.

Com vocês, também voltei a experimentar um tempo em que não havia um modelo de produção e onde o longa-metragem não existia como tal, pois minhas primeiras experiências foram de duração, ou seja, de exibição em tempo contínuo, em diferentes metragens.

Receber o convite a ser produzido e exibido em multiplicidades de formatos, linguagens, bitolas e suportes e, assim, participar das Mostras AudioVisuais e das Sessões do **Cine Ser Ver Luz**, atualizou as marcas vividas nos primórdios, antes da virada do século XX, com cientistas e artistas que brincavam com as possibilidades de inventar modos de produzir e exhibir, mobilizados por

desejos de conhecer mais que comercializar.

O exercício de ser produzido em formato de curta, em especial no “Pessoal da São José” e no “Atrás do Farol tem uma Rua”, oportunizou estranhar e conhecer as singularidades poéticas e políticas entre duas microrregiões – Titanzinho e Favela – e, ao mesmo tempo, fazer pensar a força e a participação das mulheres na memória do bairro, entre elas, a dona Justa, a Rosa, a Berê, a Rosimeire, a Lirete e a Lourdes Preta – as duas últimas, in memoriam, recebendo homenagens.

Com a questão “Como é viver com a rua, o bairro e a cidade?”, os encontros disparavam conversas com moradores de gerações distintas. A rua General Titan – que fica atrás do Farol e paralela ao mar – recebe nome e história de resistência. Um resistir que inventa outros modos de viver e conviver com o precário e a incerteza. Ameaçada com as políticas de remoção desde suas primeiras formações, a rua é afirmada, por seus moradores, como espaço-tempo de encontro e partilha. Essas afirmações também podem ser observadas nas narrativas visuais e sonoras que foram cartografadas ao percorrer, de uma ponta à outra, cada pedacinho de terra e do seu encontro com o mar. Ao revisitar a antes Amâncio Filomeno, também as casas contam como foram construídas a partir de um Farol, onde antes só tinha areia e mar.

O desejo de perambular contagia a conhecer outras ruas, agora, com sessões temáticas, trazendo experiências de misturar, ainda mais produções de diferentes sotaques, linguagens, formatos, geografias estéticas e afetivas.

Exibir o filme “Viagem à Lua” com a Pracinha da Nezita fez vibrar sentidos da ação de artistas interessados em teatro, ilusionismo e outros artifícios cênicos, como os impressionantes efeitos visuais criados por Georges Méliès, em 1902. Com essas experiências também atualizo marcas de quando passo a ser visto como arte, nas três primeiras décadas do século XX.

Entre os moradores do bairro, também conheci alguns cineastas – Yures Viana, José Pastinha e Raimundo Cavalcante –, apresentados com seus olhares sensíveis aos encantos e dilemas que habitam aqueles que criam cinema com a vida cotidiana.

Visitando o bairro, observo a arquitetura das pequenas casas geminadas, algumas de dois

andares. Observo as ruas, com a precariedade das pavimentações ou a falta delas, tomadas por varais coloridos em ziguezague, uma singularidade topográfica, ou melhor, topológica, pois a forma é dada pelo movimento que acontece com ruas estreitas que funcionam como pátio, onde crianças brincam e idosos conversam e olham o movimento, sentados em cadeiras ou em um degrau, na porta de casa.

A curiosidade cresce ainda mais com a experiência de errância com o **Cine Ser Ver Luz** itinerante. Como um cinema visitador, cartógrafo que inventa com as ruas as marcas da presença, produzindo diferença com os itinerários, sou apresentado a outro visitador, esse da literatura. João do Rio contagia com “A alma encantadora das ruas”:

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas (...). Há ruas que mudam de lugar, cortam morros, vão acabar em certos pontos que ninguém dantes imaginara (...) outras que nascem íntimas, familiares, incapazes de dar um passo sem que todas as vizinhanças não saibam. (...). Qual de vós já passou a noite em claro ouvindo o segredo de cada rua? Qual de vós já sentiu o mistério, o sono, o vício, as ideias de cada bairro? (RIO, 2008, p. 34-37).¹

DEISIMER GORCZEWSKI

Colaboradora do *Coletivo AudioVisual do Titanzinho*.
Pesquisadora no Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR) e Professora
no Programa de Pós Graduação em Artes ICA|UFC. Doutora em Comunicação e
Coordenadora da Pesquisa “Cinema In(ter)venção: **Cine Ser Ver Luz**”.

¹ RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2008.

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO TITANZINHO

Nas conversas que acontecem com as ruas do bairro Serviluz, costuma-se escutar a frase “O Titanzinho é um ‘pedacinho’ do Serviluz”. O bairro compreende a região do Grande Mucuripe na cidade de Fortaleza, no Ceará. O Titanzinho é também conhecido por ser um dos maiores pontos de surf da cidade e de lá saírem grandes surfistas, reconhecidos internacionalmente. Como descreve André Aguiar Nogueira (2006), jovem pesquisador, morador e participante da *Associação dos Moradores do Titanzinho*, esse território apresenta “um processo histórico instigante em um emaranhado de conflitos e resistências, intrigas e partilhas”¹.

O bairro Serviluz começou a ser construído na década de 1940, com a transferência para o local de pescadores e estivadores que habitavam a Praia Mansa, em consequência da construção do Porto do Mucuripe pela Companhia das Docas do Ceará. Localizado entre a Beira-Mar e a Praia do Futuro, o bairro ficou conhecido por seu potencial turístico e pela prática do surf na Praia do Titanzinho. O nome Serviluz surgiu por força da existência da Companhia de Serviço de Força e Luz de Fortaleza (Serviluz), na década de 1950, utilizada pelos moradores como referência para situar a localidade. A maior parte da população vive de trabalhos informais, exercendo atividades como a pesca.

A *Associação dos Moradores do Titanzinho* foi criada em 1986 de forma colaborativa, em mutirões envolvendo a participação de moradores e líderes comunitários. Atualmente, tem na sua composição jovens moradores do bairro. Entre as ações realizadas pela Associação enfatizamos atividades educativas e culturais, como cursos de capacitação profissional; aulas de teatro, música, fotografia e informática; pré-vestibular; alfabetização para adultos; e exibição de documentários. E, entre as produções, destacamos o vídeo “Ibiora”, que participou de edital do Núcleo de Produção Digital Vila das Artes, da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Fortaleza. “Ibiora” foi uma das doze histórias contempladas no projeto “Fortalezas” e apresenta narrativas audiovisuais baseadas em fatos reais de personagens que reinventam o cotidiano urbano. O realizador do vídeo “Ibiora”, Pedro Fernandes, é também o atual

coordenador da *Associação dos Moradores do Titanzinho*.

A Associação, ao longo dos anos, passou a estabelecer alianças e parcerias com outras organizações sociais, educativas e culturais. Em 2007, iniciou um projeto denominado Titanzinho Digital, inspirado no Projeto da Cooperativa Pirambu Digital. As atividades foram mantidas principalmente com o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), que concedeu bolsas que potencializaram a ação comunitária, agindo como catalizadora/articuladora de um coletivo de jovens e também universitários, que foram convidados a se envolver com ações de educação e informática com outros jovens no bairro. Além disso, ao longo de três anos contamos com a colaboração da Cooperativa de Tecnologia da Informação Pirambu Digital, da Fortalnet, do Programa Telecentro.BR, além de associações locais. Mas o Titanzinho Digital teve, sobretudo, a força da colaboração e de um coletivo que acredita na transformação do futuro.

Outros projetos no bairro que destacamos são as experiências realizadas com a ONG Serviluz sem Fronteiras e o projeto Farol da Memória. Reconhecemos também os projetos culturais e sociais propostos pela ONG Aldeia, que atuava com jovens da região para criações artísticas e comunicacionais. Inclusive, vale mencionar o vídeo Titãs de Tábuas - o surf de “taubinha” no Titanzinho, produzido por jovens da Escola de Mídia da ONG Aldeia, no Morro Santa Terezinha, no Mucuripe.

Em 2011, a Associação participa da pesquisa “In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza”,² em aliança com o Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC. Nas conversas realizadas na *Associação dos Moradores do Titanzinho*, os jovens contavam experiências com o audiovisual e afirmavam o desejo de voltarem a criarem e produzirem imagens e sonoridades de si e do bairro.

Por conta da multiplicidade de vídeos cartografados a partir dos contatos com realizadores que vivem no bairro, bem como nos sites de compartilhamento, a pesquisa “In(ter)venções” levantou uma questão: será que as pessoas do bairro conhecem as produções que são realizadas no Titanzinho? Chegamos, então, à ideia de realizar a I Mostra AudioVisual, definindo alguns critérios para a seleção dos vídeos. Para a primeira Mostra foram selecionados dez vídeos, apresentados nos dias 9 e 10 de

dezembro de 2011.³

Entre outras experiências, também destacamos os encontros de mutirão, oficinas e intervenções com graffiti, stencil e lambe-lambe, realizados na Associação durante os meses de outubro de 2012 e maio de 2013. Esses encontros mobilizaram a participação de moradores, artistas, estudantes, pesquisadores e colaboradores na organização e limpeza de livros doados que se encontravam empoeirados e amontoados em algumas salas da *Associação dos Moradores do Titanzinho*; foram pintadas as paredes internas e foi reinventada a fachada da Associação a partir de uma ação coletiva em oficinas e intervenções artísticas coordenadas pelos artistas Marcos Venícius, Ceci Shiki, Uriel dos Santos e Fernanda Meireles – colaboradores da Associação –, com o objetivo de partilhar experiências de arte urbana e intervir para revitalizar as atividades sociais, comunicacionais e artísticas na Associação dos Moradores.

A II Mostra AudioVisual no Titanzinho, realizada nos dias 13 e 14 de dezembro de 2013, apresentou um panorama da produção audiovisual no bairro Serviluz, trazendo para a tela as imagens, os sons, as cores e os ritmos da vida que pulsa nas histórias vividas com imaginAção. A Mostra foi uma realização da *Associação dos Moradores do Titanzinho* e do Coletivo de Pesquisa In(ter)venções - ICA|UFC, com a colaboração da Escola de Surf - EBS, do Instituto Povo do Mar - IPOM, de Raimundinho TSC - Vídeo, do Bar do Surf, da Quadro a Quadro, da ONG Zinco e de Ceci Shiki. Na comissão de seleção dos vídeos, participaram Fabiola Gomes, Pedro Fernandes, Wilma Farias, Carla Galvão e Deisimer Gorczewski. Na produção dos materiais, contamos com a colaboração de Sabrina Araújo na criação do material gráfico; de Fabiola Gomes na organização da programação; de João Miguel Lima, da ONG Zinco, com a criação de um zine; e de Jéssica Barbosa na atualização do blog.⁴

E, em 2014, criamos a pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz*, amparada no Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Um modo itinerante de operar com o cinema e o audiovisual foi se aproximando da experiência do *Coletivo AudioVisual do Titanzinho*, criado justo no processo de realização das intervenções audiovisuais com o bairro, por jovens que atuam com a Associação. No período de 2014 a 2016, além

do envolvimento dos participantes do *Coletivo* com a realização da III, IV e V Mostras, uns mais ligados com a curadoria dos vídeos, outros com a produção cultural, iniciamos as sessões do **Cine Ser Ver Luz**,⁵ priorizando as ruas São José, General Titan e o Farol do Mucuripe. Com essas experiências e a aprovação de dois projetos no Edital de Cinema e Vídeo da Secult – CE em 2014 e 2015, o Cine vem percorrendo o bairro e fortalecendo os pontos de encontro. Em 2015, também aprovamos o projeto Serviluz das Artes, intervindo com arte urbana (graffiti, stencil e lambe-lambe) e envolvendo jovens e crianças do bairro.

No mesmo ano, outros dois coletivos surgiram no bairro – o Servilost,⁶ atuando com arte urbana e meio ambiente, e o grupo de teatro Dito & Feito – e atualmente ambos realizam ações em aliança com a Associação. Em 2016, os jovens do Servilost ocuparam o Farol, criando o Sarau Farol Roots e promovendo espaços de encontro dos jovens com poesia, música, dança, entre outras expressões artísticas. Em aliança com o *Coletivo AudioVisual*, aprova e realiza o Projeto Serviluz das Artes – EcoVisuais que Encantam, envolvendo a relação entre arte urbana e meio ambiente.

Nesse percurso, cresce o envolvimento com as ações e mobilizações do bairro, trazendo experiências para fortalecer a Associação dos Moradores e alargar os laços de amizade e vizinhança, convidando artistas locais e de outros bairros da cidade a partilhar ações artísticas e comunicacionais.

¹ NOGUEIRA, André Aguiar. *Fogo, vento, terra e mar: migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza*. São Paulo, 2006.

² Mais detalhes: <pesquisaintervencoes.blogspot.com.br>.

³ Os vídeos selecionados e convidados para a I Mostra podem ser conferidos na página: <pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/p/videos-i-mostra-audiovisual-titanzinho.html>.

⁴ Os vídeos selecionados e convidados para a II Mostra podem ser conferidos na página: <pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/p/videos.html>.

⁵ Mais detalhes: <cineclubeserverluz.wordpress.com/sobre-2> e <facebook.com/cineclubeserverluz>.

⁶ Acompanhe o Servilost em: <www.facebook.com/servilost>.

Sessão #1

MEMÓRIA

21/nov_2015 | 18h
RUA LEITE BARBOSA,
na Praça Tiago Dias, próximo à
Associação dos Moradores do Titanzinho

REALIZAÇÃO: *Coletivo AudioVisual do Titanzinho e Associação dos Moradores do Titanzinho.*

ORGANIZAÇÃO: Gerardo Rabelo, Pedro Fernandes, Priscilla Sousa, Ana Paula Veras.

CURADORIA: Gerardo Rabelo, Ana Paula Veras, Samuel Brasileiro e Deisimer Gorczewski.

COLABORADORES: Sabrina Araújo, João Miguel Lima, André Aguiar, Amanda Nogueira.

CONVIDADOS: Grupo de Teatro Dito & Feito.

APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC; Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos; Bar do Surf.





FILMES

Reminiscências

Clarissa Machado

Brasil | PE | 2012 | Fic. | 3'33"

O lar, a rotina. Vagas lembranças que a casa revela.

Memória

Lee Sang A

Coreia do Sul | 2012 | Fic. | 3'46"

Ela desenha lembranças.

Tempos Modernos

Charlie Chaplin

EUA | 1936 | Fic. | 5'

[trecho]

Chaplin interpreta o funcionário que trabalha na linha produção e por causa dos movimentos repetitivos não consegue controlar os braços. Seu chefe pensa que ele está louco e o encaminha a um psiquiatra.

>>



**Brasil Memória em Rede –
Pólo Regional do Ceará**

Fundação Brasil Cidadão (FBC)
Brasil | CE | 2009 | Doc. | 14'31"
Preservação da memória do
nosso povo, em Icapuí no Ceará.

**Dona Cristina
Perdeu a Memória**

Ana Luiza Azevedo
Brasil | RS | 2002 | Fic. | 13'51"
Antônio, um menino de 8
anos, descobre que sua vizinha
Cristina, de 80, conta histórias
sempre diferentes sobre a sua
vida, os nomes de seus parentes
e os santos do dia. E Dona
Cristina acredita que Antônio
pode ajudá-la a recuperar a
memória perdida.

Mauro em Caiena

Leonardo Mouramateus
Brasil | CE | 2012 | Doc. | 18'33"
Admiro pra caramba essa
capacidade, Mauro. De se
transformar em outra coisa.
Como um dinossauro ou uma
lembrança.

Linha da Vida – Titanzinho

*André Aguiar, Pedro Fernandes
e Luis Filho*
Brasil | CE | 2011 | Doc. | 6'57"
Conheça a história do bairro
Serviluz através de imagens.

Loop

Carlos Gregório
Brasil | RJ | 2002 | Fic. | 6'02"
Um cientista, obcecado pela
idéia de reconstruir seu passado,
inventa uma máquina do tempo.
Momentos antes do teste final,
ele reflete sobre sua vida e as
inquietações que o levaram
àquela experiência.

Atrás do Farol Tem uma Rua

*Coletivo AudioVisual do
Titanzinho, com participação de
Carlos Eduardo Pereira Freitas*
Brasil | CE | 2015 | Doc. | 10'
Com a questão: “como é viver
com a rua, o bairro e a cidade?”
os moradores da rua General
Titan, no bairro Serviluz, em
Fortaleza, são convidados a
contar histórias vividas com a
rua ameaçada pelas políticas de
remoção, desde suas primeiras
formações. A rua se apresenta
como espaço-tempo de encontro
e partilha.

Nossos Traços

Rafael Espínola
Brasil | RJ | 2013 | Doc. | 4'41"
Em um vídeo de família, vivemos
com meu avô.

+

PERFORMANCE

Os Ciclos,

com o Grupo de Teatro
Dito & Feito.

HISTORICAMENTE, foi somente a partir da segunda metade do século XX que o litoral de Fortaleza passou a ter novas funções e novos frequentadores. O povoamento da Capitania do Siará ocorreu inicialmente pelos caminhos dos rios, com base na pecuária, praticada entre as populações do interior. Por isso, o litoral da cidade esperou longa data para que suas areias fossem definitivamente incorporadas à realidade urbana.

O Farol, localizado na enseada do Mucuripe, servia basicamente como equipamento de localização náutica e defesa do litoral, já ocupado pelo colonizador português, mas constantemente incursionado por outros navegantes europeus.

Com o passar dos anos, as elites se apropriaram da praia, construindo imensas edificações. Na ponta de mar mais avançada do litoral, nas proximidades da antiga usina SERVILUZ, muitos dos personagens que não interessavam no novo cenário, criado para as elites e para os estrangeiros, logo foram confinados nos casebres mais afastados da área luxuosa. A comunidade, portanto, é fruto de diversas experiências migratórias, entrecruzando a trajetória de pescadores, prostitutas, marítimos, surfistas, trabalhadores da indústria e do setor de bares e hotelaria, entre outros trabalhadores, que convergiram para o entorno do Farol.

O primeiro registro de ocupação em grande escala do entorno do Farol Velho ocorreu no início dos anos 1960, quando centenas de mulheres que “ganhavam” a vida na antiga Rua da Frente, hoje Avenida Beira-Mar, foram remanejadas do seu local de moradia e trabalho para o entorno do antigo Farol do Mucuripe. A ideia era encurralar a prostituição de vários pontos da cidade para as imediações do farol abandonado, onde não residiam famílias de classe média que pudessem ser perturbadas com a vida noturna dos cabarés. A imagem do Farol ficou diretamente associada à da zona de prostituição.

A vinda de personagens que animam a vida numa zona de meretrício para o Mucuripe passou a estigmatizar essa parte da cidade. Dentre esses personagens, foi sobre as “raparigas do Farol Velho” que recaíram os mais pesados fardos da vigilância moral e dos abusos da violência policial. Na dinâmica do espaço urbano, as prostitutas foram obrigadas a criar diversas

**ANDRÉ
AGUIAR**

*Professor no
IFCE, realiza
Pós-Doutorado
no Programa
de Pós-
Graduação de
História na
Universidade
Federal do
Ceará (UFC).
Morador do
Serviluz e
Colaborador
do Cine Ser
Ver Luz.*

estratégias de sobrevivência. Na transferência para o Farol, apesar das pequenas indenizações, as mulheres não receberam recursos suficientes que lhes permitissem melhorar suas precárias condições de vida. O novo local era bastante desprivilegiado e as condições encontradas pelas “madames” no deslocamento inicial, em 1961, certamente não foram as melhores. Mas foi somente com o meretrício que aconteceram os primeiros melhoramentos urbanos nessa área. Água, luz e telefone chegaram a uma região praticamente inabitada.

Esse núcleo permaneceu aparentemente isolado por muito tempo, mais de 500 metros de comprimento formados de um lado e outro apenas por cabarés. Praticamente ilhado das áreas nobres da cidade, o Farol, quando não recebia clientes, era somente observado pelas famílias de pescadores que já existiam naquele local.

Mas o bairro cresceu consideravelmente ao longo das décadas posteriores. Pescadores, prostitutas e portuários há tempos já não constituem maioria. Nos anos 1980, por exemplo, a população já chegava a um total de quase 20.000 habitantes. Hoje, é estimada em cerca de 35.000 pessoas. Novos moradores das mais diversas procedências foram se relacionando com os “nativos”, considerados mais conhecedores e mais afeitos aos saberes e atividades marítimas.

Apesar da multiplicidade de sujeitos, a comunidade localizada no entorno do Farol hoje enfrenta, entre outros desafios, os problemas da violência e da convivência não pacífica entre a diversidade que a compõe. Nesse contexto, os projetos de valorização da memória coletiva podem intervir oportunamente.

AS NOSSAS MEMÓRIAS estão sempre buscando um lugar que possam habitar. Embora as paredes dos nossos quartos e os muros de nossas casas pareçam por vezes lugares ideais para elas, é realmente nas areias da praia, ali, próximas às ondas do mar, que as memórias podem apagar e recriar as marcas deixadas no chão. A memória é um ser indefinido, uma fênix que ressurge das cinzas quando menos esperamos, sempre disposta a nos fazer olhar para o mundo de maneira distinta.

Imagens sempre são formadas em nossas mentes quando nos lembramos de algo. Cheiro, sons ou cores podem despertá-las. O cinema talvez seja o que mais se aproxima dessa experiência. Quando assistimos a um filme, não estamos apenas acompanhando a história, pois construímos uma espécie de arquivo de imagens para memórias futuras. Assim, o mundo do cinema e o nosso mundo se fundem. Os dois são formados por imagens, logo não são tão distantes assim.

A criação do nosso imaginário está muito ligada ao cinema. A maneira como vemos as pessoas ou os espaços por vezes possui relação direta com os filmes que mais nos impactaram. A ausência de alguém pode ser compreendida por um filme. A destruição de um lugar também. Os filmes também devem ser questionados, assim como as nossas lembranças. Nem tudo é como aparenta ser, porém, se insistimos em algumas imagens, elas passam a existir no mundo.

A memória nos vem e nos escapa como os enquadramentos de um filme que assistimos no cinema. Cada segundo de um filme possui vinte e quatro imagens. A cada segundo que passa diante de uma tela, são vinte e quatro novas memórias. Elas ficam impressas nos nossos olhos por um tempo e servem como filtro para o mundo – seja para olhá-lo de forma crítica ou apreciá-lo. Ninguém é o mesmo depois de uma sessão de cinema.

**SAMUEL
BRASILEIRO**

*Cineasta formado
em Cinema e
Audiovisual
mestrando em
Comunicação
pela UFC e
Colaborador do
Cine Ser
Ver Luz.
Dentre seus
trabalhos de
destaque estão
“Biquíni Paraíso”
e “O Animal
Sonhado”.*

Sessão #2

DIREITO À CIDADE

05/dez_2015 | 18h
PRACINHA DA ESTIVA,
atrás da Escola Álvaro Costa

REALIZAÇÃO: *Coletivo AudioVisual do Titanzinho e Associação dos Moradores do Titanzinho.*

ORGANIZAÇÃO: Gerardo Rabelo, Pedro Fernandes, Priscilla Sousa, Ana Paula Veras, Deisimer Gorczewski e Sabrina Araújo.

CURADORIA: Pedro Fernandes, Ana Paula Veras, Samuel Brasileiro e Deisimer Gorczewski.

COLABORADORES: João Miguel Lima, Amanda Nogueira, Valéria Pinheiro e David Oliveira.

APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC; Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos, Bar do Surf; Vini Cópias.





FILMES

Luzes da Cidade – Parte 1

Charlie Chaplin

EUA | 1931 | Fic. | 10'54"

[trecho]

O Vagabundo se apaixona por uma florista cega. Ao conhecer um milionário suicida, ele encontra uma maneira de levantar fundos para pagar a operação que fará sua amada enxergar novamente. Um dos mais belos filmes de Chaplin.

More (Mais)

Mark Osborne

EUA | 1998 | Fic. | 6'23"

Um inventor luta para encontrar um significado em sua vida meiga sem cores. O curta é uma combinação de animações tradicional e de argila.

>>



Quem Manda na Cidade em que Você Vive?

Movimento dos Trabalhadores Sem Teto + Storyland®

Brasil | SP | 2013 | Fic. | 5'55"

Vídeo produzido para o Seminário pela ocupação digna em São Paulo, realizado no dia 24 de novembro de 2013 em São Paulo.

Próxima Parada

Samuel Brasileiro

Brasil | CE | 2011 | Fic. | 9'02"

Pessoas que andam de ônibus. Cruzamos com elas todos os dias. O máximo que podemos saber sobre cada uma delas é em qual parada que vão descer.

Proibido Pular

Lucas Carvalho

Brasil | CE | 2012 | Filme-Ensaio | 3'11"

Vídeo ensaio #1. Inspirado pelas aulas do Felipe Ribeiro “ensaio como forma”, nesse domingo resolvi revisitar o material do curta “O dia em que levei Eisenstein para passear na praia” dirigido por mim no ateliê imagem e cidade da escola. Tanto o curta como esse breve ensaio partem de um desejo muito grande de falar de um lugar que me encanta: Praia de Iracema, um lugar cheio de vida.

Areia Loteada

Nigéria Filmes

Brasil | CE | 2015 | Doc. | 26'01"

Três comunidades do litoral de Fortaleza resistem à especulação imobiliária na cidade com maior densidade demográfica do País.

Retrato de uma Paisagem

Pedro Diógenes

Brasil | CE | 2012 | Doc. | 34'

Um filme sobre a cidade. Um filme sobre pessoas. Estamos vivendo o começo da era da sociedade urbana. Um novo campo ainda ignorado e desconhecido. E o cenário do futuro ainda não se encontra estabelecido.

Recife Frio

Kleber Mendonça Filho

Brasil | PE | 2009 | Fic. | 24'52"

A cidade brasileira de Recife, que já foi tropical, agora é fria, chuvosa e triste, depois de passar por uma desconhecida mudança climática.

DIREITO À CIDADE: APRENDIZADOS E DISPUTAS POR QUALIDADE DE VIDA URBANA

O QUE SIGNIFICA, hoje, viver nas cidades? Para quem a cidade é boa? Para quem ela funciona?

A forma como as cidades crescem demonstra uma opção político-econômica que privilegia alguns e prejudica a maioria da população. Assim, temos dificuldades para nos deslocar, para morar, para trabalhar, para se divertir... Existem leis que dizem respeito ao bem viver na cidade. A principal é a lei federal nº 10.257/2001, conhecida como Estatuto da Cidade, que prevê vários instrumentos de desenvolvimento urbano que podem melhorar a vida das pessoas; basta ser aplicado pelo poder público. Localmente, temos a lei do Plano Diretor (lei nº 062/2009), a lei municipal de desenvolvimento urbano.

Mas, apesar de haver leis garantindo o direito a uma vida digna, por que a realidade é tão diferente para a maioria da população?

O grande nó que precisamos desatar está no mundo da política, do poder concentrado nas mãos de poucas pessoas. São elas que, nos bastidores e às vezes às claras, decidem sobre a cidade, privatizando os lucros e jogando as consequências negativas do crescimento urbano sobre a população mais vulnerável, atendendo aos interesses do mercado imobiliário. Diante disso, é muito importante cada um de nós entender e se comprometer com a luta pelo Direito à Cidade. A Carta Mundial pelo direito à cidade o reconhece como um direito coletivo das presentes e futuras gerações a uma cidade sustentável, sem nenhuma forma de discriminação e com a preservação da sua memória e identidade cultural.

O Direito à Cidade nos coloca diante da compreensão do espaço urbano em disputa e como local privilegiado do exercício da democracia e da cidadania. Assim, é importante termos consciência de que todos somos produtores de cidade. Não apenas vivemos nela, mas a transformamos, ao escolhermos – ou pelo próprio fato de alguns não terem escolha – onde morar, como nos deslocar, onde trabalhar, com quem conviver. Assim, a produção da cidade não é só papel do poder público, mas nossa também, inclusive na fiscalização e cobrança de que a urbanização se dê de forma integrada e planejada, e que a técnica e os recursos públicos estejam a serviço da maioria da população.

**VALÉRIA
PINHEIRO**

*Pesquisadora
do Laboratório
de Estudos
da Habitação
(LEHAB | UFC)
e Militante da
Frente de Luta
por Moradia.*

"IMAGENS DO MUNDO E INSCRIÇÕES DA VIDA"

SAMUEL BRASILEIRO

*Cineasta
formado em
Cinema e
Audiovisual
mestrando em
Comunicação
pela UFC e
Colaborador
do Cine Ser
Ver Luz.
Dentre seus
trabalhos
de destaque
estão "Biquíni
Paraíso" e
"O Animal
Sinhado".*

A MOBILIZAÇÃO quanto ao direito à cidade está diretamente ligada à construção imagética. Os nossos espaços são tomados e recriados por imagens: sejam da televisão ou propagandas. A principal relação entre o Cinema e a luta pelos espaços é a possibilidade de se apropriar das imagens produzidas sobre o seu cotidiano. Os enquadramentos de um filme revelam e escondem a partir do momento em que se posiciona a câmera. Se, para existir uma fotografia ou um filme é necessária luz, cabe às pessoas entenderem onde direcioná-la. O direito à cidade e ao Cinema passa a fazer sentido quando a linguagem cinematográfica expressa e recria as relações e as visões sobre um determinado lugar.

Em 1929, o diretor de cinema russo Dziga Vertov realizou o filme "Um Homem Com Uma Câmera", que propõe uma experiência de vivência em uma grande metrópole – aproximando-se do que ficaria conhecido como "Sinfonias das Cidades". O filme muda de ritmo, acompanhando o despertar das pessoas, das máquinas e dos automóveis. A cidade, então, invade o filme e o recria. O Cinema, porém, sempre surge para afirmar as suas potências. Em momentos clássicos do trabalho, Vertov surge gigante em uma imagem sobreposta a de uma paisagem urbana e filma o espaço. Assim, o Cinema e a imagem, literalmente, fundem-se e criam um discurso. Sem nenhuma palavra, o diretor levanta questões sobre o fazer cinema através da montagem.

O direito à cidade parte da ideia de observar o espaço para além do pano de fundo. O desejo de ocupação ganha uma força política. Ao iluminar lugares que a grande mídia prefere esconder, os moradores possibilitam outra experiência sensível – e, obviamente, estética. Assim, pode-se pensar que o atravessamento entre a arte e a cidade se dá pela partilha do sensível, uma troca que só é possível quando se toma o poder de feitura das imagens e das narrativas.

Do mesmo modo como fez Vertov, é preciso agir com o Cinema de maneira direta para se garantir o direito à cidade. Nesse processo, é essencial não esquecer as potências da arte. É necessário colocar-se de maneira sincera nas imagens criadas e construir fissuras dentro da realidade. A vida imita a arte e a arte imita a vida. Os eternos retornos voltam sempre modificados. Tomemos as cidades, criemos as imagens!



TRANSNORDESTAL

FRC604332-10



Sessão #3

MARINTIMIDADE

16/jan_2016 | 18h
RUA PONTAMAR,
próximo à Igreja Nova Aliança e
à Associação Boca do Golfinho

*REALIZAÇÃO: Coletivo AudioVisual do Titanzinho e
Associação dos Moradores do Titanzinho.*

*ORGANIZAÇÃO: Gerardo Rabelo, Pedro Fernandes,
Priscilla Sousa, Deisimer Gorczewski e Sabrina Araújo.*

*CURADORIA: Samuel Brasileiro, Priscilla Sousa,
Deisimer Gorczewski, Ana Paula Veras
e Pedro Fernandes.*

*COLABORADORES: Amanda Nogueira, Eduardo Mota
Escarpinelli, João Miguel Lima e Raisa Christina.*

*APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará -
Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC; Funcap;
Coletivo Aparecidos Políticos, Bar do Surf,
Associação Boca do Golfinho; Vini Cópias.*





FILMES

Ponyo - Uma Amizade que Veio do Mar

Hayao Miyazaki

Japão | 2008 | Fic. | 10'

[trecho]

O pequeno Sosuke encontra um peixinho dourado fêmea chamada Ponyo, brincando numa praia perto de sua casa. Os dois criam uma forte amizade, o que a leva a querer se tornar humana. Porém, o fato de ser uma princesa do mar com um pai poderoso pode atrapalhar os planos de Ponyo.

Velha História

Cláudia Jouvin

Brasil | RJ | 2004 | Fic. | 5'28"

Um dia ao pescar na beira de um rio um homem pega um peixe. A partir de um gesto de afeto do pescador, os dois desenvolvem uma linda amizade que é admirada por todos na cidade. Do poema de Mário Quintana.

>>



Carlitos à Beira Mar

Charles Chaplin

EUA | 1915 | Fic. | 13'53"

Uma das primeiras produções de Charles Chaplin, este filme está cheio das piadas mais comuns de Carlitos. Ele prega peças em cada personagem do filme, arruma um grande problema e escapa de forma brilhante no final.

Monique ao Sol

Wellington Sari

Brasil | PR | 2011 | Fic. | 13'32"

Férias de inverno. Monique vai à praia com os pais. Sem amigos por perto, tenta arranjar algo pra fazer. Até que conhece um jovem na quadra de vôlei.

A Velha e o Mar

Petrus Cariry

Brasil | CE | 2005 | Doc. | 12'31"

Dona Alzira é uma senhora que mora em uma ponte marítima abandonada, ela vive sozinha em seu casebre preste a cair, sobrevivendo de sua própria pesca. Dona Alzira revela histórias do passado e do presente.

Ibioara

Pedro Fernandes

Brasil | CE | 2009 | Doc. | 6'10"

“Ibioara”, nome nativo de Praia Mansa, lugar onde parte da comunidade do atual bairro Serviluz vivia. “Ibioara”, nome de um coletivo de pescadores do Serviluz que resiste diante do tempo. Serviluz, um bairro feito de mar, coletividade e luta. Selecionado no edital do NPD Vila das Artes, Secretaria da Cultura de Fortaleza. Uma das doze histórias contempladas no projeto “Fortalezas”. Produzido juntamente com a ONG Serviluz Sem Fronteiras.

Uma Pescadora Rara no Litoral do Ceará

Sidnéia Luzia da Silva

Brasil | CE | 2005 | Doc. | 15'02"

A diretora mostra o seu dia-a-dia como pescadora na comunidade da Praia da Redonda. Desde os dez anos de idade, ela acompanha o pai em seu barco de pesca, apesar do preconceito dos que acreditam que o mar não é lugar de mulher.

Canto Nenhum

Eduardo Mota Escarpinelli

Brasil | CE | 2012 | Fic. | 18'35"

O que quer alguém que passou a vida no mar sem vínculos com nada? O que esse marinheiro viu e o que quer viver? E o que esperar quando não se conhece mais nenhum outro lugar no mundo e não se cabe mais onde se está, quando tudo o que se quer é cortar as raízes e partir para outros horizontes? Nessa ambiência sonora e orgânica, a constante presença das ondas e a firme sensação de não pertencimento levam Zil e Bartolomeu à saudade de outras terras onde jamais estiveram, percebendo-se como estrangeiros de si mesmo, tentando superar encontros e desencontros, seguindo o rumo e esperando que os ventos mudem para o norte, mesmo que levem a canto nenhum.

O MAR SEMPRE foi um ambiente pelo qual o cinema se interessou, seja para transformá-lo em um lugar de vivência dos personagens ou como uma metáfora de um sentimento trabalhado. “O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão” é uma célebre frase dita no filme “Deus e o Diabo na Terra do sol”, de Glauber Rocha. Nela há uma ideia de profecia, ilusão e utopia. Assim, o mar para o cineasta baiano ganhava uma camada de discussão política que falava do próprio país, já que o filme foi lançado em 1964 – início da ditadura militar.

Curiosamente, a sequência final de “Deus e o Diabo” assemelha-se com a de “Os Incompreendidos” (1959, François Truffaut). Nos dois filmes, os personagens correm por muito tempo em um litoral até ficarem de frente para o mar. Os personagens, respectivamente, Antônio das Mortes e Antoine Doinel, nunca tinham visto o mar, e a sequência, além de transformar a corrida em uma libertação, também encena a primeira vez que eles veem a imensidão do oceano. Truffaut finaliza o seu filme com o rosto do personagem olhando infinitamente para a água, como se a face de Antoine fosse um espelho que refletisse as mudanças das ondas.

O mar então pode ganhar várias camadas de significação ao ser retratado no cinema, mas toda essa relação também é atravessada com a nossa aproximação com o litoral. De que maneira nos relacionamos com o horizonte infinito do mar? Seria a praia somente um espaço de convivência ou por baixo da areia e no fundo do oceano existem objetos escondidos a serem descobertos? Somente a nossa intimidade com o local pode responder essas perguntas e, das artes, o Cinema, talvez tenha sido mais cúmplice do mar e de suas gotas d’água salgadas.

**SAMUEL
BRASILEIRO**
*Cineasta
formado em
Cinema e
Audiovisual
mestrando em
Comunicação
pela UFC e
Colaborador
do Cine Ser
Ver Luz.
Dentre seus
trabalhos
de destaque
estão “Biquíni
Paraíso” e
“O Animal
Sonhado”.*

A ÁGUA, OS VISITANTES E AS ESTÓRIAS INCOMPLETAS

**EDUARDO
ESCARPINELI**

*Músico e
Pesquisador
em Arte Sonora
e Audiovisual.
É Mestre em
Artes pelo
Programa de
Pós-Graduação
em Artes
da UFC.*

DECERTO o que nos traz aqui é a encosta do mar. O porto, por si, é o lugar de saída e o lugar seguro da chegada.

Para que nos encontremos: a cidade desse porto é cidade de abertura cosmopolita. O porto é o lugar de quem vive aqui não seguro em terra. Para o de fora, é descoberta. Alguns de nós que nunca soubemos o que é urbano; montamos uma morte irreal, mas que vem para ficar por entre os verbos, e não mais deixamos de sentir a morte. Morte, estômago, frutas tropicais e tudo o mais que pode fazer com que se constituam nações, a escrita, obras de arte, que são somente decisões arbitrárias.

A cobiça envenena os dentes dos homens. Máquinas produzem em grandes escalas. Alguns homens são elevados à sua própria glória. A Língua-Cristã, essa forma que inverte a liberdade de evocar qualquer outra língua, envolve-se com minerais, vegetais e a terra: isso faz com que convertam sentimentos ocultos em expressões objetivas – envenenam os homens.

As quatro vozes aqui ouvidas são as mesmas vozes de alguns elementos primordiais da imaginação sobre algumas matérias. Personagens:

Degas,
Bartolomeu,
Estévia,
O Narrador.

Agora, mais que nunca, ligado à cidade em que vive, busca nas ruas, no amarelo opaco, o cinza escuro, o lugar fora do sol. Durante esse escuro, a boa conduta se petrifica e se esfacela. Estende-se o manto ao abrigo e fere o que é de absurdo nas estradas de afeto; junta-se numa sede, onde a chuva dá de beber aos mortos, numa vasta solidão absorta, endêmica e enfadada de sol. O embalo do tom amarelo. No porto, o tom amarelo e a noite estruturam o lugar num escambo contemplativo e espacial. Contêineres espalham-se sobre o asfalto cinza escuro alaranjado. Degas está por entre o Porto. Embarca daqui a dois dias, sente-se ansioso. Anda até a Praia P1. Sai e volta do porto.

Estévia anda por terra ocre. Estévia sabe ficar mais forte a cada dia e alimenta os cachorros como sempre, mas só os cachorros que vêm do entorno da Praia P1. Degas anda no porto à procura de embarques – faz parte do Departamento Nacional dos Marinheiros e Moços em Transporte Marítimo –, alguns membros se metem em rituais controlados pelo Estado. Os rituais controlados acontecem agora com frequência maior. Barcos dilacerados no porto jazem em frente à costa num retumbar de ferro, mas acalentados pela água, túmulo de fogo de alguns olhos alucinados. Degas se sentou ali, no espaço aonde os antigos moradores e navegadores chegavam, e fala sobre um assunto que cala os outros três: “a água traz uma lembrança dos mortos”. Estévia pede chá: preparo Cáscara-Sagrada; Estévia me agradece com firmeza. Enxergo um pouco de mãe em Estévia, mas logo essa sensação se desfaz em mim. A partir dali a movimentação dos corpos se torna mais expansiva; todos pedem chá: dei-lhes Valeriana, todos bebem em silêncio. Estévia fica mais distante, como que se confortando pelo chá. Degas fecha os olhos e respira – seu peito subindo e descendo. As imagens de barcos desenhados nas paredes aparecem; o espaço vai sendo visto, os olhos de todos medem distâncias: das pinturas, das paredes, das alturas, dos corpos e das posições dos membros dos corpos, dos corpos com os objetos, dos objetos com os corpos, dos corpos com os corpos, medem até a capacidade de julgar, duvidam da capacidade de julgar – e ainda por cima um disparate moderno que logo é dissipado pela primeira frase, depois de quarenta e nove minutos: o que conta o relógio na parede por trás das cabeças das pessoas e acima dos meus olhos. Depois desses momentos de reconhecimento recíproco e silencioso, através dos quais todos retornam e entram no presente que constitui esta trama da qual se ouvirá e da qual se gostará de contar. Digo a você, que procura algo da lógica total do real, digo que encontrará imagens ordenadas, porém despreziosas de sua filosofia primeira. Degas pede um copo de água. Todos gostam do pedido de Degas. Por isso sirvo todos com a mesma água fresca e gelada. Bartolomeu arregaça as duas mangas compridas da sua camisa de seda, depois coça a barba e coloca as mãos no bolso, imediatamente balança para frente e para trás; e não sai desse balanço de mar. Seu olhar vago denuncia seu amor hipnótico. É um homem do mar, mas fala sobre manejo da terra e fertilidade do solo. Seus temas marítimos se resumem ao seu balanço de mar e os temas da terra, dos quais falava, consistem em revolver o solo em toda sua superfície: profunda e acolhedora, a terra engole o mar. Diz também que, assim na

terra como no mar, quando se quer comandar, sejam muitas ou poucas as pessoas, faz-se como numa lógica de guerra: hábeis sinalizações e a nervura negra dos segredos. O que deixa de calar os outros parece ser visto como que uma falta de precisão na descrição ou algo de emotivo e afetado, assim sem causa e efeito mesmo; o que se vê é como que se ali, passando por aquele lugar, esses quatro estivessem se envolvendo na disformidade e na diferença. Abatidos e na sua forma estática, seus corpos anteriores podem dilatar na escuridão formal. Eixos recombináveis. Mares inexauríveis. Desperta a coragem no caos. Degas pergunta a Bartolomeu como é o mar de dentro do mar; a resposta do navegador parece fácil de entender, mas eis que ele conta uma estória, mostrando-nos assim um momento verdadeiramente grandioso na sua formalidade romântica e transgressora, eis aqui o que nos contou o navegador: “Se eu lhe contar o que é o mar estando dentro dele, na molhadura salgada, ainda sim será só o que eu lhe fizer sentir com as minhas palavras; o que está em você no mar é só seu, a grande travessia, potencializada pela grande água; só é possível passar se tu te apropriares da monstruosidade da passagem aquática”, e continua dizendo, “numa alucinação ou sonho, eu mergulhava com uma tocha pequena acesa nas mãos, nadava e saía do outro lado para acender o cigarro de um companheiro e, de fato, senhores, sou um homem desterrado, mas não mais que todos vocês. Degas, você não passa de um sonâmbulo debaixo da terra – e além do mais no escuro a noite é completamente escura, como podem atestar todos os insones”. O que nos conta Bartolomeu faz parte da trama e da encenação: “quando você quiser me chamar”, sorriu e falou, “faça uma fogueira pequena, queime dois fios de cabelo e rapidamente eu me apresentarei diante de você, ainda que eu esteja além dos mares do fim”, e sorriu de novo para dentro dos olhos de Degas; disse ainda outras palavras, as quais serviram para nada: “se você possuir uma estória que possa ser gravada no interior de minha retina e constituir uma lição para minha reflexão, faça isso, me chame, pode ser mais uma estória de chuva, uma em que o silêncio e a noite podem persistir, mesmo que seja num castelo mal-assombrado ou uma casa mal-ajambrada, faça isso, meu amigo, faça o que quiser quando precisar, conte comigo para ouvir os cantos inconstantes da noite e as amarguras da sede, mesmo não acreditando que a sede seja o que mais importune os mortos no seu silêncio, sentindo que a poesia é necessária, e é fácil que os poetas estejam lembrando-se dos mortos em dias de chuva”.

Faz-se silêncio. Estévia sem melindre se levanta e fala: “Gostaria, senhores, de oferecer saídas sinceras, disponíveis ao longo da minha fala. Gostaria de oferecer um longo percurso, uma estória de curvas, completa de absurdos. É possível que varemos a noite. É imprescindível que tenhamos mais chá, assim, imagino, poderemos escapar”.

A estória que se segue não é mais nem menos que isso: “Um homem”, conta Estévia, “chega até o comerciante de tecidos, dos mais elegantes, e pergunta: ‘o senhor possui seda com listras bordô, pequenos peixes dourados levemente inclinados em formação ondulada’? O comerciante responde que sim e que aquele tecido é o mais caro que tem em sua loja, e que por muito tempo ficou guardado em baú fechado. O homem de olhar atento não se importa com o comentário do comerciante. O homem diz: ‘senhor, eu, que não sou medroso no que diz respeito à morte e aos mortos, gostaria de comprar seis metros desse tecido, uma quantidade decerto grande, mas que pagarei imediatamente para viajar sobre os mares; farei uma vela do seu tecido e entregarei meu barco para um número exato de inválidos para que embarquem e mantenham sua direção’. O senhor nada entendeu, então se recusou terminantemente a vender-lhe aquela quantidade de tecido, muito menos para um uso tão insólito. Mas o que era normalidade se fez passagem e, ao andar em direção ao homem, uma imaginação lhe veio: a imagem de um frio glacial, e seu corpo arrepiou-lhe os pêlos e a pele, assim um olhar compenetrado e hipnótico mostrou-nos que as coisas mudariam sem precisar de explicação”.

Estévia parou de contar a estória, pediu um chá; dessa vez lhes dei Sene. Degas, Bartolomeu e eu ficamos calados enquanto Estévia fazia sua pausa. Silenciamos-nos junto dela, absorvidos na amabilidade e na tranquilidade através das quais Estévia conduziu-nos durante uma noite, no círculo de todas as formas e pretendendo as forças de todo absurdo.

Continua.

Sessão #4

ARTE URBANA

30/jan_2016 | 18h
FAROL DO MUCURIBE,
próximo ao Cais do Porto

REALIZAÇÃO: *Coletivo AudioVisual do Titanzinho e
Associação dos Moradores do Titanzinho.*

ORGANIZAÇÃO: Gerardo Rabelo, Pedro Fernandes,
Priscilla Sousa, Deisimer Gorczewski, Ana Paula
Veras, Bruno Ribeiro, Sabrina Araújo e Ceci Shiki.

CURADORIA: Bruno Ribeiro, Priscilla Sousa,
Deisimer Gorczewski Ana Paula Veras
e Samuel Brasileiro.

COLABORADORES: Aline Albuquerque,
Amanda Nogueira, Carla Galvão, David Oliveira,
Glória Diógenes, João Miguel Lima e Victor Furtado.

APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
- Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC;
Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos;
Vini Cópias; Bar do Surf.





FILMES

Pintor Apaixonado

Charles Chaplin

EUA | 1914 | Fic. | 11'49"

Um pintor famoso, devastado por perder a mulher amada, termina no bar, e em tributo a ela pinta seu rosto no chão e relata sua tragédia de maneira memorável. Quando vê a mulher acompanhada por meia dúzia de crianças, sua dor diminui.

>>

Weebs

Mona Caron

EUA | 2014 | Fic. | 4'34"

Alternativas germinam nas margens, enviando rachaduras em coisas mais difíceis de mudar. Utopias pavimentadas, levantem-se como ervas daninhas!

Big Bang Big Boom

Blu

EUA | 2010 | Fic. | 9'55"

Um ponto de vista não científico sobre o início da vida e de sua evolução... e como provavelmente pode acabar.

Limitless

Sofles

EUA | 2016 | Videoclipe | 5'10"

Vídeo clipe da música "Limitless", da banda Sofles.

Jornal Futura – Série Intervenções Artísticas Urbanas – O Que São?

Juli Wexel

Brasil | 2014 | Doc. | 7'35"

A primeira reportagem "O que são?", da Série sobre Intervenções Urbanas do Jornal Futura, traz depoimentos sobre a história da Intervenções Urbanas no Brasil, conceitos artísticos e trabalhos de artistas que introduzem e exemplificam ao público esse tipo de manifestação artística, em especial, nas grandes cidades Brasileiras.

Pixo

João Wainer e Roberto T. Oliveira

Brasil | 2010 | Doc. | 17'

João e Roberto entrevistam pichadores e acompanham suas peripécias, sem julgá-los. A pichação ganha finalmente face. Para combatê-la ou aplaudi-la, muito melhor assim.

Intervenção Aparecidos Políticos no Mausoléu Castelo Branco

Sabrina Araújo

Brasil | CE | 2013 | Doc. | 5'41"

É preciso lembrar de quem eles querem que nos esqueçamos.

Grafiteiros Vão ao Presídio

Nigéria Filmes

Brasil | CE | 2013 | Doc. | 6'28"

Loomit (ALE), EDIN (BRA), AMOR (ARG), entre outros grafiteiros pintam muros do antigo presídio IPPPO I. Festival Concreto - Arte Urbana.

CicloCOR

Acidum

Brasil | CE | 2011 | Doc. | 8'

Intervenção que propõe uma forma de tornar presente a existência das bicicletas na cidade de Fortaleza, a partir do rastro que é deixado no seu trajeto gerar o caminho de discussão para a criação de espaços adequados para os ciclistas da cidade.

DenCidade

Moo

Brasil | RN | 2009 | Doc. | 5'08"

Recortes de intervenções urbanas acontecidas no projeto DenCidade em Natal - RN.

Imagens Inventadas em Oficinas e Intervenções Visuais – Associação dos Moradores do Titanzinho

Coletivo AudioVisual

do Titanzinho

Brasil | CE | 2013 | Doc. | 4'13"

Video realizado durante o processo de criação e as intervenções visuais realizadas na *Associação dos Moradores do Titanzinho*, no Serviluz, em Fortaleza, em 2013, com participantes da Pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes ICA/UFC.

Sinal Vermelho

Naiara Bolzan e Cristina Margon

Brasil | 2012 | Doc. | 15'12"

O "Sinal vermelho" é a deixa dada para os artistas de rua mostrarem todos os seus talentos. Diferentes artistas contam o motivo de escolherem a rua como palco para exibirem suas artes e como são recebidos pela população capixaba.

A CIDADE E SUAS MARCAS: OS RASTROS DAS ARTES DE RUA

GLÓRIA DIÓGENES

*Professora
Doutora do
Programa
de Pós-
Graduação em
Sociologia da
Universidade
Federal do
Ceará (UFC),
Coordenadora
do Laboratório
das Juventudes
(Lajus) da UFC
e Membro-
Fundadora da
Rede Luso-
Brasileira de
Pesquisadores
em Artes e
Intervenções
Urbanas.*

A ARTE URBANA É UMA NARRATIVA IMAGÉTICA DA CIDADE. Como diz Ítalo Calvino, a cidade se conta por meio de suas linhas, entalhes, grafias, formas e cores. Falar de cidade significa bem mais que se reportar às vias urbanas, equipamentos, serviços e ao traçado geográfico. Cada cidade dispõe de uma escrita, de marcas que contam sua história, de segredos que aguardam olhos, peles e ouvidos atentos. As cidades têm se construído, cada vez mais, por meio de uma pluralidade de signos, linguagens, sinais, sensações que se descolam de aspectos meramente físicos e de seus suportes materiais. O movimento, a diversidade de ações, o olhar do passante, a interferência dos usos que dela fazem seus moradores, a caixa de ressonância da memória urbana tramam nas cidades a produção de mosaicos de experiências múltiplas, móveis e pluriespaciais.

As palavras de protesto, os estêncis, os lambes (colagens), os pixos, os graffiti, tudo aquilo que se denomina de arte urbana, ou de artes de rua, toma a paisagem como suporte de sentimentos, de grafia, de linguagem e de produção de sentidos e marcas diferenciadores das singularidades de cada cidade. Nem sempre se consegue ler o que diz uma cidade para além de camufladas camadas de memória, de inscrições efêmeras, de processos constantes de branqueamento.

Tendo em vista que as artes urbanas, em geral, atuam entre as esferas legal-ilegal, entre o que se considera arte e vandalismo, tem se propagado a ideia que parte dessas iniciativas (especialmente o pixo), deteriora aquilo que se designa de patrimônio público. Isso significa dizer que as artes urbanas, em geral, não apenas agenciam discussões em torno dos seguintes temas – o que é cidade, a quem pertence a cidade, o que é público e o que é privado, e o que pode ser considerado patrimônio – como também mobilizam o morador/transeunte a envolver-se, sob o risco de se perder no emaranhado urbano, em um processo contínuo de tradução e de decodificação do urbano.

A cidade torna-se, então, na esfera das artes urbanas, um ampliado espaço de disputas, de percepção, de produção de linguagem, de marcação, de apropriação. Os *graffitters* manifestam uma mensagem muito óbvia: a cidade pertence a quem nela se inscreve, a quem por meio dela obtém qualquer tipo de visibilidade pública, a quem nela intervém, a quem nela taca sua marca.

A ARTE URBANA SE PROPÕE a sair das instituições e ocupar outros lugares, como as ruas, os muros, caixas d'águas ou faróis abandonados. A possibilidade de criar em novos espaços propicia um ambiente de risco e imprevisão que é fundamental para uma criação artística. Assim, o artista precisa dialogar com o urbano seja com uma performance ou graffiti.

O cinema sempre foi uma arte que prezou pelo silêncio e por uma excelência técnica. Por isso, grande parte dos filmes – principalmente os americanos – é realizada em estúdios. Neles podemos ter condições ideais para a realização de uma obra audiovisual. Mas para quem serve a lógica de que um filme deve ser feito apenas em estúdio? O que significa levar a sua equipe e elenco para a rua? Federico Fellini, cineasta italiano, tem uma clássica frase em que fala que, se uma nuvem esconde o sol durante uma filmagem, ele não espera a nuvem passar, mas muda a cena que iria filmar. Assim, o filme torna-se um organismo vivo e não apenas um roteiro a ser seguido. Criar artisticamente na rua demanda desprendimento e convicção de que o trabalho não pertence só a você, mas ao mundo também.

Não só fazer cinema, mas exibir cinema na rua pode ser algo fundamental para pensarmos nossa relação com os espaços públicos. Uma imagem projetada em um muro de um farol abandonado nos faz olhar para aquele lugar de maneira distinta. Ele ganha outros significados. Um lugar que antes emitia luz hoje recebe luz. Um lugar, que antes nos ajudava a encontrar nosso caminho, hoje é anteparo das imagens, que nos revelam caminhos desconhecidos.

Jean Renoir, cineasta francês, conta que, mesmo quando filmava dentro de estúdio, deixava uma janela aberta. Essa atitude é algo de estranho, pois assim se permitem entrar ruídos indesejáveis. Renoir dizia que tinha essa atitude, pois era preciso deixar que a vida entrasse no processo.

A arte urbana então propõe que não devemos nos fechar para o mundo, porque as suas imperfeições e imprevisibilidades nos apresentam infinitos caminhos. A arte urbana é capaz de acender a luz de um farol que há muitos anos está apagado.

SAMUEL BRASILEIRO

Cineasta formado em Cinema e Audiovisual mestrando em Comunicação pela UFC e Colaborador do Cine Ser Ver Luz. Dentre seus trabalhos de destaque estão "Biquíni Paraíso" e "O Animal Sonhado".

A CIDADE DOS RISCOS

**CARLA
GALVÃO
FARIAS**

*Mestre em
Artes no
Programa de
Pós-Graduação
em Artes e
Graduada
em Design de
Moda na UFC.*

OS MUROS da cidade de Fortaleza estão quase todos rabiscados, pintados. Essas inscrições vão muito além de anúncios. Algumas são resultado de elaboração prévia, trabalhos mais refinados, outras são espontâneas. São declarações de amor, tags, denúncias, frases bem humoradas, graffiti, etc. Essas manifestações são bem diversificadas e, tentar classificá-las, dando um nome a elas, não parece ser a melhor forma de capturar o que elas podem comunicar.

Inquieta pensar sobre o quanto as pessoas têm a dizer e porque elas escolheram especialmente os muros da cidade como o local para expressar seus pensamentos. Naturalmente, essas inscrições não ficam apenas nos muros. Muitas vezes os seus realizadores fotografam sua obra e divulgam pela internet.

Caminhar pelas ruas de Fortaleza, partindo da minha experiência pelo bairro do Benfica com um olhar curioso sobre as imagens, é algo intrigante. É possível imaginar percursos que outros fizeram, pelas marcas que eles deixaram para trás, como João e Maria com as suas migalhas de pão. Passar e imaginar que outras pessoas também percorreram aquelas ruas, munidos de latas de spray, encarando os perigos que se corre ao riscar a cidade, mesmo sabendo que essas inscrições provavelmente não permanecerão muito tempo ali.

As técnicas desses trabalhos são bastante diversificadas, dessa forma, nem todas as imagens presentes nos muros são feitas de forma desautorizada. Algumas são resultado de um bom tempo de elaboração e execução, outras são feitas de forma mais espontânea, algumas a lápis ou caneta, rolinhos ou jatos de spray, por exemplo.

Olhar para as imagens espalhadas pela cidade dá muitas pistas sobre os sentimentos e pensamentos que a habitam. A escolha do muro como espaço para expressão também aponta para a necessidade de tornar público e visível o que está dentro desses seres que passeiam pelas ruas, deixando nelas algumas marcas.



Sessão #5

JUVENTUDES

27/fev_2016 | 18h
RUA VICENTE DE CASTRO,
na Estiva, próximo ao “Vaqueiro”

REALIZAÇÃO: *Coletivo AudioVisual do Titanzinho e Associação dos Moradores do Titanzinho.*

ORGANIZAÇÃO: Gerardo Rabelo, Pedro Fernandes, Priscilla Sousa, Deisimer Gorczewski, Ana Paula Veras, Sabrina Araújo, Raisia Christina e Ceci Shiki.

CURADORIA: Raisia Christina, Priscilla Sousa, Deisimer Gorczewski, Ana Paula Veras e Pedro Fernandes.

COLABORADORES: Amanda Nogueira, João Miguel Lima, Samuel Brasileiro e Victor Furtado.

APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC; Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos; Vini Cópias; Bar do Surf.





FILMES

O Garoto

Charlie Chaplin

EUA | 1921 | Fic. | 16'43"

[trecho]

Em uma atitude desesperada, uma mãe abandona seu filho com um bilhete em uma limousine. Quando o carro é roubado, o bebê acaba parando nas mãos do Vagabundo, que passa a criá-lo. Anos mais tarde, agora com condições financeiras, a mãe oferece uma recompensa para quem achar o garoto.

>>



**Aos Olhos de uma Criança |
Emicida**

Alê Abreu

Brasil | 2013 | Videoclipe | 3'46"

Trilha sonora do filme "O Menino e o Mundo", de Alê Abreu. Músicas de Ruben Feffer e Gustavo Kurlat.

Pode me Chamar de Nadi

Déo Cardoso

Brasil | CE | 2009 | Fic. | 19'14"

Uma menina, num determinado dia, supera o racismo. Baseado em fatos reais. Estrelando Nadiézia Apolinário (Nadí), Laila Pires (Laila) e Rodger Rogério (Tapioqueiro).

Serviluz Tem Break

José Pastinha

Brasil | CE | 2009 | Doc. | 1'09"

Jovens do Serviluz se divertem praticando break dance.

Além da Rua

Natália Viana

Brasil | CE | 2010 | Fic. | 20'24"

Após pegar escondido uma câmera fotográfica de seu pai, Leo e seus amigos brincam, vivenciando os espaços de Otávio Bonfim, bairro de classe média baixa de Fortaleza, onde mora, passeando pelos lugares por ele já conhecidos e descobrindo outros.

EBS – Titanzinho |

Davi Monster Sobrinho

Davi Sobrinho

Brasil | CE | 2016 | Doc. | 2'25"

Algumas imagens de arquivo e o resultado foi esse.

Corações Sangrantes

Jorge Polo

Brasil | RJ | 2014 | Fic. | 23'18"

Dois amigos. O fantasma do funk melody. Uma galera. O Palacete dos Amores. A Cidade do Rio de Janeiro. Noite e dia.

+

APRESENTAÇÃO TEATRAL

Os Ciclos – A Primavera,

com o Grupo de Teatro
Dito & Feito.

O CINEMA SEMPRE foi uma arte com a potência de olhar para o seu próprio tempo. Com o avanço tecnológico e as novas possibilidades de se criar imagens por meio de equipamentos cada vez mais acessíveis, a noção de agora tem se tornado mais literal. Não é somente da tecnologia que se faz o cinema, pois para que exista uma imagem é necessário que a lente seja apontada para algo. Assim, podemos pensar que o Cinema teve e ainda tem a capacidade de registrar as mudanças de movimento ao longo da nossa História.

Pensar a juventude e o Cinema faz com que se criem pensamentos sobre as atuais mudanças do mundo. Pode-se compreender a juventude como temática, forma ou criadora de relações. Nos anos 60, ocorreu o movimento dos chamados Cinemas Novos. Em sua grande maioria, consistia em grupos de jovens cinéfilos que estavam insatisfeitos com o cinema realizado em seu país. No Brasil, o Cinema Novo surge de dentro do movimento estudantil com o filme “Cinco Vezes Favela” (1962). Os filmes olhavam para o seu tempo e discutiam questões ligadas à política. Assim, a juventude transbordava a temática, influenciava a forma e recriava as relações de trabalho.

Olhar para os jovens e tentar compreender como filmá-los é essencial para um cineasta. A juventude carrega em si as contradições e angústias do seu tempo. Logo, os jovens encontram-se em um entre da influência do que passou e do mundo que está por vir. Ser jovem não necessariamente está ligado à idade, mas, sim, a uma maneira de encarar o mundo. Em 2014, Jean-Luc Godard, cineasta francês, dividiu o prêmio especial do júri com o canadense Xavier Dolan. Godard é 40 anos mais velho e, ao receber o prêmio, declarou que o Festival tinha premiado um cineasta velho com um filme jovem e um cineasta jovem com um filme velho.

Pensar o Cinema e a Juventude é pensar o próprio tempo. Observar as relações, o movimento e as sonoridades fazem parte de uma compreensão sensível da mudança do mundo. O cinema, então, torna-se um meio potente para essa discussão, seja pelo reconhecimento no outro ou pela apresentação de novas juventudes. Para que o mundo seja modificado, é preciso enxergá-lo.

SAMUEL BRASILEIRO

Cineasta formado em Cinema e Audiovisual mestrando em Comunicação pela UFC e Colaborador do Cine Ser Ver Luz. Dentre seus trabalhos de destaque estão “Biquíni Paraíso” e “O Animal Sonhado”.

JOVENS QUE DESENHAM MODOS DE VIDA

RAISA CHRISTINA

*Artista
Visual, Mãe
de Catarina,
Mestre em
Artes pelo
PPGArtes /
ICA | UFC e
Colaboradora
do Cine Ser
Ver Luz.*

HÁ ALGUNS ANOS, quando tive que escolher qual seria o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Artes Visuais, percebi que boa parte das produções artísticas que mais me impactava, desde o cinema à literatura, trazia alguma reflexão que ampliava as discussões sobre as juventudes na atualidade. Incomodava-me bastante um discurso recorrente por parte da geração de meus pais, que viveu o período ditatorial no País, a taxar o jovem de hoje com adjetivos mornos, como apáticos, passivos, lesados, inertes, alienados.

Para mim, parece claro que, mesmo não filiando-se a partidos ou pregando contra o sistema econômico vigente de maneira explícita, as juventudes contemporâneas seguem como agentes de grande força política. Na cidade de Fortaleza, os exemplos são muitos. Práticas como o skateboarding e o Le Parkour, por exemplo, são manifestações do corpo juvenil em plena ação. Entre instantes de equilíbrio, choque, salto e deslize, muitas vezes essas manifestações contrariam, com doses de criatividade e revolta, os usos pré-estabelecidos por arquitetos e urbanistas para os espaços urbanos.

Os rapazes do Conjunto Ceará que integram uma banda de metal, dedicam-se à culinária vegana e fazem entrega a domicílio de seus produtos artesanais em bicicletas; as comunidades anarcopunks cujos membros fazem malabares pelos cruzamentos das grandes avenidas e cuidam de espaços para acolher amigos vindos de várias regiões da América Latina; o grupo de meninas que discutem questões de gênero e escolheram a bicicleta como principal meio de transporte; as escolinhas de surf que inspiram crianças e jovens à convivência saudável com o mar e seu entorno. Todos esses jovens, de uma forma ou de outra, fazem política, estalando pequenas revoluções no cotidiano da cidade e desenhando modos de vida mais simples, ecológicos e conscientes.



CINE
SER
VER
LUZ

Sessão
MarIntimidade

17/10/2018
AS 18h

CARRIM
DAS ARTES

Sessão #6

ARTE E NATUREZA

12/mar_2016 | 18h
PRACINHA SÃO FRANCISCO

*REALIZAÇÃO: Coletivo AudioVisual do Titanzinho e
Associação dos Moradores do Titanzinho.*

*ORGANIZAÇÃO: Pedro Fernandes, Priscilla Sousa,
Deisimer Gorczewski, Ana Paula Veras,
Sabrina Araújo, Aline Albuquerque, João Miguel
Lima e Gerardo Rabelo.*

*CURADORIA: Aline Albuquerque, João Miguel Lima,
Marcelo Magalhães, Deisimer Gorczewski,
Ana Paula Veras e Samuel Brasileiro.*

*COLABORADORES: Amanda Nogueira
e Marcelo Magalhães.*

*APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
- Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC;
Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos;
Vini Cópias; Bar do Surf.*





FILMES

Calango!

Alê Camargo

Brasil | DF | 2007 | Fic. | 7'48"

Um esfomeado calango decide que um grilo será sua próxima refeição... Mas as coisas não serão tão simples quanto ele imagina.

O Aventureiro

Charles Chaplin

EUA | 1917 | Fic. | 10'

[trecho]

Carlitos escapa da prisão nadando e salva duas mulheres - mãe e filha - de um afogamento. Convidado a um jantar na casa delas, Carlitos, com seu jeito desengonçado, provoca confusão tal que acaba sendo levado pela polícia.

Jota Borges

Vicent Carelli

Brasil | PE | 2004 | Doc. | 12'

Documentário sobre o xilogravurista pernambucano J. Borges.

>>



Weeds

Mona Caron

EUA | 2014 | Doc. | 4'34"

Alternativas germinam nas margens, espalhando fissuras nas coisas mais difíceis de mudar. Utopias pavimentadas, erguem-se como ervas daninhas!

Nos Corais do Titanzinho

Raimundo Cavalcante – TSC

Brasil | CE | 20 | Doc. | 5'42"

Nos Corais do Titanzinho mostra uma espécie de lazer que no final se torna o rango do dia. Com os surfistas mirins Kanbubinha e Douglinhas.

Pedra Nua

Cactos Intactos

Brasil | RJ | 2005 | Doc. | 8'01"

Realizado clandestinamente pelo grupo de guerrilha cultural Cactos Intactos em 14 de março, dia dos aniversários de Castro Alves e Glauber Rocha. A proposta de executar a demolição performática da estátua do Cristo Redentor no topo do Corcovado é o ponto de partida do filme.

O Velho e o Novo

Poço da Draga

NoAr Alpendre +

Alternativa Periférica

Brasil | CE | 2011 | Doc. | 10'15"

Antigos habitantes do Poço da Draga falam das mudanças ocorridas no lugar que eles moram, apontando vantagens e desvantagens. Eles também falam da relação que eles têm com a natureza, ao morarem perto do mar.

O Regador Regado

Louis & Auguste Lumière

França | 1896 | Fic. | 45"

Um jardineiro é atormentado por um garoto que corta o fluxo d'água de sua mangueira. Quando coloca o rosto na frente dela para conferir o que aconteceu, o jardineiro se molha por completo. A partir daí, corre atrás do garoto para lhe ensinar uma lição.

Quatro Homens e uma Jangada

Orson Welles

EUA-Brasil | 1942 | Fic. | 10'

[trecho]

Quatro pescadores cearenses viajam pelo mar até o Rio de Janeiro para reivindicar direitos trabalhistas.

Rios e Marés

Thomas Riedelsheimer

Alemanha | 2002 | Doc. | 10'

[trecho]

Retrato de Andy Goldsworthy, um artista cuja especialidade é efêmeras esculturas feitas com elementos da natureza.

Fazendo Arte na Natureza – Cocoricó

TV Cultura

Brasil | 2003 | Fic. | 13'09"

A turminha do Cocoricó aprende a fazer arte utilizando folhas que caíram das árvores.

+

APRESENTAÇÃO

“Saco” ou “Plástico”,

com o Grupo de Teatro Verde Luz, da Associação Boca do Golfinho. Direção de Levi Mota.

**ALINE
ALBUQUERQUE**
*Artista Visual,
Mestre em
Artes pela UFC.
Participa do
Laboratório
Artes e
Micropolíticas
Urbanas
(LAMUR). É
Colaboradora
do Cine Ser
Ver Luz.*

DIFÍCIL FALAR EM POUCAS LINHAS sobre dois “temas” tão abrangentes como arte e natureza, e mais ainda sobre a relação entre eles. Se quisermos definí-los, não o faremos com muita facilidade; apesar de sermos íntimos dos dois, seus significados são tão amplos que escapam às palavras. Enfim, a arte pode ser um simples modo de olhar, e a natureza pode ser também uma sensação, dentre infinitas definições.

A natureza sempre foi uma referência para a arte. Artistas desejavam “copiar” a natureza do modo mais fiel possível. Durante muito tempo, o bom artista era aquele que melhor conseguia representar a natureza. Hoje, sabemos, não é mais assim.... Um pouco pela invenção da fotografia, mas não somente, a pintura de cavalete se liberta de sua “função representativa”, o artista passa não mais a representar, mas a criar outros mundos. Há até a frase do famoso artista moderno Paul Klee, que diz: “a arte não representa o visível, ela torna visível”. Ainda que o “sistema” da arte seja outro, a natureza continua a ser “tema” essencial para os artistas. Afinal, vivemos tempos muito difíceis, em que a preocupação com o meio ambiente deve fazer parte de nosso cotidiano.

Testemunhamos uma nova era geológica chamada antropoceno, a era em que os hábitos (maus hábitos) dos homens deixaram profundas marcas na paisagem do planeta, como o derretimento das calotas polares, o aumento da temperatura e do nível das marés, seja por desmatamento, poluição, descaso, emissão de gases tóxicos, maus hábitos de consumo — a realidade é que devemos cuidar atentamente do que temos e inventar modos de sobreviver sem maltratar mais nosso velho planeta Terra. Nesse cuidado, arte e natureza se encontram, e desse encontro surgem proposições que são ao mesmo tempo belas e eficazes, como a criação de hortas urbanas, a difusão do uso mais efetivo da bicicleta como meio de transporte, a projeção de filmes ao ar livre, a prática de esportes como o surf e o skate, e que têm o meio ambiente como campo de ação, e tantas outras possibilidades de reinventar um modo de ser e estar no mundo.

A NATUREZA DO CINEMA

SAMUEL BRASILEIRO

*Cineasta
formado em
Cinema e
Audiovisual
mestrando em
Comunicação
pela UFC e
Colaborador
do Cine Ser
Ver Luz.
Dentre seus
trabalhos
de destaque
estão "Biquíni
Paraíso" e
"O Animal
Sonhado".*

O CINEMA, ASSIM COMO A PINTURA, sempre se interessou pelas paisagens. Diversos gêneros cinematográficos são pautados pelas escolhas dos espaços que serão filmados. Se pensarmos no faroeste, a imagem que se constrói em nossa mente não se resume a duelos de armas, mas também aos grandes planos gerais de montanhas e deserto. Esse gênero é dos que mais bem trabalha a grandiosidade da natureza em relação ao homem. Assim, olhar para a natureza e entendê-la seja como paisagem ou como personagem é essencial no momento da construção de um filme.

Um dos mais importantes cineastas da história disse que "O que falta ao cinema moderno é a beleza, a beleza do vento passando pelas árvores, o pequeno movimento nas floradas das árvores". Essa afirmação reflete a época da origem do cinema, quando ele era o responsável por apresentar para as pessoas lugares nunca antes vistos. Assim, o que mais chamava atenção não eram atores famosos ou grandes aventuras, mas o movimento. A possibilidade ver uma árvore de outro país balançando as folhas na sua frente. O cinema entrou e aproximou as pessoas de uma relação com os pequenos movimentos, porém ao mesmo tempo criando um filtro com a natureza, já que o que se vê é imagem, uma projeção do que foi captado pela câmera. O olhar para a natureza pelo Cinema, em sua maioria, foi mediado pela figura do ser humano, mas a verdade é que sem a natureza não existiria o cinema, já que as suas principais matrizes são a luz e o som. Assim, cinema e natureza tornam-se um único ser, que possui partículas, ondas e engrenagens. Talvez o que falte não sejam as imagens de delicadeza da natureza, mas, sim, que nós, espectadores, tenhamos a possibilidade de enxergá-las ao nosso redor.



CINE
SER
VER
LUZ

Sessão
Arte e Natureza

03 Março
8h 16h

Local:
Praça São Francisco

Sessão #7

DEMOCRACIA E DIVERCIDADE

16/abr_2016 | 18h
FAROL DO MUCURIBE,
próximo ao Cais do Porto

*REALIZAÇÃO: Coletivo AudioVisual do Titanzinho e
Associação dos Moradores do Titanzinho.*

*ORGANIZAÇÃO: Gerardo Rabelo, Pedro Fernandes,
Priscilla Sousa, Deisimer Gorczewski,
Ana Paula Veras e Sabrina Araújo.*

*CURADORIA: Carlos Eduardo Freitas (Cadu Freitas),
Nataska Conrado, Priscilla Sousa, Ana Paula Veras,
Samuel Brasileiro e Deisimer Gorczewski.*

*COLABORADORES: Amanda Nogueira, João Miguel Lima,
Cadu Freitas, Samuel Brasileiro, Victor Furtado, Lis Paim,
Diego Hoefel, Henrique Didimo e Marcelo Magalhães.*

*APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará -
Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC;
Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos;
Vini Cópias; Servilost; Bar do Surf.*





FILMES

Nosso Farol

*Assis Rodrigues, Emanuel Oliveira,
Gutemberg Silva, Nohara Brenda,
Suyane Nóbrega*

Brasil | CE | 2015 | Doc. | 5'

Moradores do Serviluz falam sobre a história e a importância do Farol do Mucuripe. O vídeo foi realizado em oficina na primeira edição do Projeto Serviluz das Artes coordenada pelo Samuel Brasileiro.

O Fim do Recreio

*Vinícius Mazzon e Nélio Spréa
Brasil | PR | 2012 | Fic. | 17'26''*

No Congresso Nacional, um projeto de lei pretende acabar com o recreio escolar. Ao mesmo tempo, em uma escola municipal de Curitiba, um grupo de crianças pode mudar toda essa história. Recheado de vibrantes brincadeiras infantis, O Fim do Recreio é um curta-metragem para todos os públicos, que bota a boca no trombone e avisa: cobra parada não come sapo!

>>



Vizinhos

Norman McLaren

Canadá | 1952 | Fic. | 8'08"

Dois vizinhos que vivem em harmonia e nunca precisaram definir os limites de suas propriedades, até uma flor nascer bem no meio do jardim dos dois e, conseqüentemente, surgir uma acirrada disputa para ver quem deve ficar com ela.

Bridge (Ponte)

Ting Chian Tey

EUA | 2010 | Fic. | 2'45"

Uma ponte de madeira e o fluxo de animais. Na verdade, uma briga entre um alce e um urso, para saber quem tem a preferência. Só que parece que nenhum dos dois levou essa...

Festival de Direitos Humanos

Organização Festival de Direitos Humanos | Produção: RecheioDigital com Eletrônica Viva.

Brasil | RJ | 2008 | Doc. | 10'

Registro ensolarado do 3º Festival de Direitos Humanos #CidadaniaNasRuas. Vamos cuidar dos nossos direitos!

Eu Não Quero Voltar Sozinho

Daniel Ribeiro

Brasil | 2010 | Fic. | 17'03"

A vida de Leonardo, um adolescente cego, muda completamente com a chegada de um novo aluno em sua escola. Ao mesmo tempo, ele tem que lidar com os ciúmes da amiga Giovana, entender os sentimentos despertados pelo novo amigo Gabriel.

O Muro é o Meio

Eudaldo Monção Jr.

Brasil | SE | 2014 | Doc. | 15'03"

O documentário aborda pichações de protesto gravadas nos muros da Universidade Federal de Sergipe. São gritos de revolta pela falta de segurança no campus, estrutura e qualidade de ensino. As pichações são mostradas como formas de indignação, reivindicação e também de comunicação contra a apatia das paredes brancas que abafam os conflitos socioculturais.

O Grande Ditador

Charles Chaplin

EUA | 1940 | Fic. | 5'01"

[trecho/discurso]

Chaplin interpreta dois personagens distintos, o ditador Adenoid Hynkel e um pobre barbeiro judeu. Tratando dos contrastes desses dois personagens, esta obra-prima faz uma implacável crítica ao regime nazista. Primeiro filme falado de Charles Chaplin.

Projeto 68

Julia Mariano

Brasil | RJ | 2008 | Doc. | 13'05"

Rio de Janeiro, 1968. O movimento estudantil comanda as maiores manifestações contra a ditadura, num crescente desde a morte do estudante Edson Luís até o clímax na Passeata dos Cem Mil. Com imagens realizadas por Glauber Rocha, Silvio Da-rin, Arnaldo Jabour e fotografias de Pedro de Moraes e Evandro Teixeira, Projeto 68 remonta em imagens e sons essa trajetória.

VIVEMOS EM UM MUNDO habitado por imagens. Não falo somente das televisões, celulares ou painéis de LED. As imagens nos moldam na maneira de falar e de vestir. Assim, elas criam a nossa maneira de nos colocar no mundo. Nesse mundo de imagens, é essencial que pensemos em como nos apropriar delas e como não deixar que sejamos apenas usados.

Nesse sentido, é importante compreender de que maneiras se podem democratizar o acesso e a criação imagética. A ideia de compartilhar um espaço para ver um filme é muito bonita. A sala de cinema tem o poder de fazer com que possamos ter nossa própria experiência, mas ao mesmo tempo nos deixa afetar pela sensibilidade de outro, um anônimo, que está sentado ao nosso lado na escuridão. As questões maiores são quem tem acesso a esses lugares e o que significa fechar-se em um ambiente construído sob medida, com condições perfeitas de temperatura e pressão, para vermos um filme?

Talvez a melhor maneira de vermos um filme junto seja pensando no local em que as imagens serão exibidas. Seria a sala de cinema o lugar ideal ou seria um farol? Democratizar o cinema não é só o acesso à arte, mas à experiência e sua possibilidade de mobilização. Criemos a nossa própria estética para mudar a política. Deixemo-nos afetar pela pessoa ao nosso lado, mas é necessário que façamos de tudo para que o vizinho também se modifique. Vamos ver filmes juntos!

SAMUEL BRASILEIRO

Cineasta formado em Cinema e Audiovisual ministrando em Comunicação pela UFC e Colaborador do Cine Ser Ver Luz. Dentre seus trabalhos de destaque estão "Biquíni Paraíso" e "O Animal Sonhado".

POR QUE

**CARLOS
EDUARDO
FREITAS
(CADU
FREITAS)**

*Graduado em
Jornalismo
pela UFC,
Colaborador
do Cine Ser Ver
Luz, Cinéfilo
assumido,
Colecionador
de bons
momentos e
Viajante dos
caminhos que
a vida dá.*

EM UM MOMENTO em que a palavra democracia é entoada por alguns atores no jogo político e social brasileiro, é importante colocar lado a lado as diferenças desse povo. Um povo que se configura por diversidade e que por ela se perpetua. Pode até soar difícil, complexo e trabalhoso debater sobre esses dois temas tão preponderantes para a nossa sociedade atual. Em segundo ponto, pode parecer que estejamos a falar das mesmas coisas, das mesmas definições, do mesmo prisma...

De fato, a diversidade é a base para a democracia. Se fôssemos todos iguais, decerto que ainda assim seríamos diferentes. Imaginemos então que, por uma dádiva, todos pensassem de forma semelhante: Para onde iriam as discussões do Facebook? Esse termo “discussão” sequer existiria? A nossa língua teria as negações, as ponderações e as alternativas? Existiria então o questionamento? Existiria a dúvida? Sanaríamos os problemas com um simples piscar de olhos automático? Existiriam ainda os problemas? Nossa, que chato!

Um mundo sem diferenças é um mundo unimaginável, utópico, maquiado pelo pó do sonho que desmancha no despertar. O problema ao acordar é se deparar com a realidade e a intolerância que tentam de todas as formas tomar as rédeas das diferenças minoritárias e as colocar em um lugar específico, de preferência onde não seja possível ouvi-las.

E esse é o grande problema da nossa democracia. Uma palavra simples e de puro som: representatividade. Vejam vocês, em um país com maioria feminina, termos apenas 10% de parlamentares mulheres no Congresso Nacional! Das políticas públicas para a comunidade LGBT, então, praticamente todas barradas pela bancada conservadora que se instaurou na casa do Povo. Mas que povo é esse? Que democracia é essa que não prevê as diversidades e as diversas formas de ser? Que democracia é essa que reduz cada vez mais o espaço de vida das comunidades indígenas e quilombolas?

É dessa falsa democracia que precisamos acordar. Ela, que deveria ser nosso sonho maquiado, nossa utopia. Por que não?

Sessão
Democracia e Diversidade

16/Abril
às 18h

Local: Farol do Mucuripe - Próximo ao Cais Porto

CINE
SER
VER
LUZ

CINE
SER
VER

Sessão #8

INTERIOR

30/abr_2016 | 18h
RUA MURILO BORGES,
próximo ao Mazin, no Rastro

REALIZAÇÃO: *Coletivo AudioVisual do Titanzinho e Associação dos Moradores do Titanzinho.*

ORGANIZAÇÃO: Pedro Fernandes, Priscilla Sousa, Deisimer Gorczewski, Ana Paula Veras, Sabrina Araújo, Maria Fabiola Gomes e Gerardo Rabelo.

CURADORIA: David Oliveira, Nataska Conrado, Priscilla Sousa, Ana Paula Veras e Deisimer Gorczewski.

COLABORADORES: João Miguel Lima, Amanda Nogueira, Samuel Brasileiro, Victor Furtado e Andrea Pinheiro.

APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC; Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos; Bar do Surf; Vini Cópias; Servilost.





FILMES

Até o Sol Raiá

Fernando Jorge

e Leandro Amorim

Brasil | PE | 2007 | Fic. | 10'53''

Até o sol raiá é um conto de fantasia e de celebração ao imaginário nordestino. Personagens criados por um artesão em barro ganham vida própria e agitam uma pacata vila sertaneja numa noite de festa. Animado em 3D, o curta-metragem funde a tradição do artesanato em barro com o cangaço, numa referência a dois ícones da cultura do Nordeste.

Ave Maria ou Mãe dos Sertanejos

Camilo Cavalcante

Brasil | PE | 2009 | Doc. | 12'30''

Um registro poético do imaginário popular do Sertão, às 18 horas, quando toca na rádio a Ave Maria Sertaneja, interpretada por Luis Gonzaga.

>>



O Jumento Santo e a Cidade que se Acabou Antes de Começar

William Paiva

e Leonardo Domingues

Brasil | PE | 2007 | Fic. | 11'22"

Quando Deus resolve criar o mundo, as coisas acabam não saindo como planejado. O sertão nunca mais será o mesmo, depois que o jumento Limoeiro vem a terra pra dar um jeito na humanidade, que depois de sucumbir à tentativa do capeta, acaba botando o mundo em desordem.

O Imigrante

Charles Chaplin

EUA | 1917 | Fic. | 7'55"

[trecho]

Um imigrante que vem para os Estados Unidos, é acusado de roubo durante a viagem através do Oceano Atlântico e faz amizade com uma jovem mulher ao longo do caminho.

O Povo da Praia Proibida

Yures Viana

Brasil | CE | 2009 | Doc. | 28'55"

Moradores da Praia Mansa contam como foi o processo de mudança para o bairro Serviluz.

Brasilianas nº6: Manhã na Roça – O Carro de Bois

Humberto Mauro

Brasil | 1955 | Doc. | 4'10"

Um carro de boi ainda faz parte das paisagens do nosso sertão, numa mistura de utilidade e poesia. Filme brasileiro produzido pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE).

Câmara Viajante

Joe Pimentel

Brasil | CE | 2007 | Doc. | 12'40"

Documentário que retrata o universo e o ofício dos fotógrafos populares que atuam nas festas, feiras e romarias do interior nordestino. A visão do artista do retrato pintado, suas técnicas e seu trabalho.

O Fim e o Princípio

Eduardo Coutinho

Brasil | 2005 | Doc. | 11'52"

[trecho]

Sem pesquisa prévia, sem personagens, locações nem temas definidos, uma equipe de cinema chega ao sertão da Paraíba em busca de pessoas que tenham histórias para contar. No município de São João do Rio do Peixe a equipe descobre o Sítio Araçás, uma comunidade rural onde vivem 86 famílias, a maioria ligada por laços de parentesco. Graças à mediação de uma jovem de Araçás, os moradores - na maioria, idosos - contam sua vida, marcada pelo catolicismo popular, pela hierarquia, pelo senso de família e de honra.

PENSAR O INTERIOR pode nos fazer chegar a diferentes significados, dependendo de por quais caminhos decidimos seguir. Pensando geograficamente, pode-se dizer que seriam as cidades além da capital, mas, se pensarmos o corpo, pode-se falar tanto dos órgãos quanto da mente. De forma geral, podemos dizer que – adjetivamente – o interior significa tudo que está por dentro, mas limitado por alguma barreira. Ao pensar assim, pergunto-me: Como pensar a relação do Cinema e o Interior?

Disponho-me a discutir aqui dois desses infinitos significados existentes. Ao longo da história do Cinema, diversos cineastas pensaram o espaço do interior como ambiente para suas histórias. Sergei Eisenstein, ao realizar seu primeiro filme, “A Greve” (1925), falará da resistência do povo camponês aos abusos da aristocracia vigente. Para ele, o interior é o da força e da resistência. Já Jean Renoir, ao dirigir “Um Dia no Campo” (1936), vai também contrapor a lógica do camponês e da aristocracia da época, mas não num embate político e, sim, na comparação de experiência. Renoir vai construir o seu filme todo pensando na relação dos corpos com o espaço e o tempo.

Com isso, chego onde acho mais importante para essa breve discussão. Um novo significado que podemos pensar seria o interior de um filme. Os limites do plano – seja ele retangular ou quadrado – sempre vão possuir dois elementos: o tempo e o espaço. Pensar o interior na arte não é só exaltar um lugar ou uma experiência, mas construí-lo dentro das limitações da proposição. É colocar em xeque o espaço e o tempo e propor algo a partir disso. Discutir o Cinema e o Interior não para falar somente da geografia, mas para abordar essa infinita possibilidade de significados – seja para falar da cidade natal de nossos pais ou do interior de nós mesmos.

**SAMUEL
BRASILEIRO**
*Cineasta
formado em
Cinema e
Audiovisual
mestrando em
Comunicação
pela UFC e
Colaborador
do Cine Ser
Ver Luz.
Dentre seus
trabalhos
de destaque
estão “Biquíni
Paraíso” e
“O Animal
Sonhado”.*

INTERIORES

**MARIA
FABIOLA
GOMES**

*Graduada
em Cinema e
AudioVisual na
UFC. Graduada
em Letras
na UECE.*

*Moradora
do bairro,
atuando
no Coletivo
AudioVisual do
Titanzinho e
no Projeto Cine
Ser Ver Luz.*

ACARAÚ, Itapipoca, Amontada, Itarema...
São tantas as estradas que nos trouxeram aqui.
De tardezinha, tomar café com tapioca.
De preferência, a tapioca da Dona Raimunda,
que também veio de lá.

Cinco da tarde marca o relógio.

Sentar na calçada e ver a vida passar,
a meninada voltando da escola.
Aqueles que trabalham já voltam pra casa também.
Entrar pra fazer a janta, assistir à novela e, quando tudo acabar,
ficar um pouquinho lá fora, que o calor tá grande.

Maricotas, Francisquinhas, Liretes, Dorinas,
são tantas as meninas que criaram os filhos fazendo manzuá.
Seu Menino pescador, Dona Menina rendeira,
artes e brincadeiras de tempos onde o tempo não passava tão ligeiro.

Fortes histórias do cotidiano, lugares de amor e sossego.
Aconchego das famílias.
Vivências e movimentos delicados de quando o mundo era mais severo.
Bom escutar o passado.

Cada uma dessas pessoas e o interior que até hoje carregam
São na vida, e em nossa arte, as grandes Fortalezas de inspiração.

PENSO MUITO em como o cinema nasce do urbano, que sua gênese é essencialmente urbana, industrial, científica. Rapidamente o cinema conseguiu construir uma linguagem própria que o colocou num lugar de súbito encanto e relevância na história da arte. O cinema é moderno. Porém, os inventores do cinema, os trabalhadores do cinema, durante toda a história do cinema, são, em sua maioria, seres metropolitanos retratando as cidades, seus personagens e conflitos.

Quando, então, na história do cinema, seus trabalhadores filmaram o campo? Quais questões rurais reivindicaram a narrativa cinematográfica? Como o cinema olha para o interior dos seus países, para suas paisagens e povos rurais?

No Brasil podemos pensar em Humberto Mauro e sua construção de um imaginário rural brasileiro em filmes como “Canga Bruta”, “Canto de Saudade”, “Engenhos e Usinas”. Foi Humberto Mauro que introduziu o ritmo da metrópole na montagem de seus filmes: em “A Velha a Fiar”, é cantada para nós uma canção em ritmo de montagem que já sugeria a pegada do videoclipe. Mauro presenciou e expressou no cinema a vida moderna chegando ao campo.

Em 1968, uma trupe de cineastas, liderada pelo empresário, fotógrafo e produtor Thomas Farkas, viajou para o interior do Brasil a fim de documentar a cultura popular brasileira. Num Brasil do Regime Militar, encontramos nesses quase vinte filmes que são parte do projeto Caravana Farkas um desejo do cineasta de se encontrar com o povo rural, com o popular em sua base histórica: o campo. Porém, vale olhar para os filmes sempre com alguma desconfiança. Afinal, os cineastas de Farkas filmam o Cariri em sua cultura, mas o isolam de um contexto histórico e social que inevitavelmente o molda. O registro do campo não é colocado em conflito; fica sujeito a apresentações superficiais desses povos. Abrem-se apenas precedentes para conhecer essa cultura popular, mas não para realmente discuti-la.

Talvez o filme que mais bem tenha falado do campo sem deixar de falar das cidades seja “Cabra Mercado pra morrer”, de Eduardo Coutinho. Arrisco dizer que é o filme mais profundo sobre a vida no campo nos tempos presentes (naquele caso: décadas de 60 e 80), suas lutas e consequências. Justamente por ser um filme sobre o projeto político do campo, interrompido

**VICTOR
FURTADO**

*Realizador e
Pesquisador
de Cinema.
Graduando em
Teatro pela
UFV. Colabora
com o Cine
Ser Ver Luz.*

pelo projeto de país defendido pela Ditadura Militar e seu Estado de Exceção, foi somente possível de ser retomado por Coutinho vinte anos depois. O que vemos, então, não são apenas os cacos da história do Brasil, mas as causas de sua fratura social constante e reiteradamente silenciada.

No mundo afora temos muitos olhares para o campo. Obras do armeno Artavazd Pelechian, do russo Dovzenko e do iraniano Abbas Kiarostami, por exemplo, constroem uma aproximação do cineasta urbano com o meio rural, mas um encontro que produz fagulhas de reflexão sobre as semelhanças e os contrastes possíveis de traçar entre nosso lugar de vida – a cidade – e o lugar de fala que esses filmes expressam – o campo.

A sessão *Interior* tem o intuito de abrir o olhar para as imagens do campo: tanto para sua face estereotipada, reduzida e apaziguada numa estética morna dos filmes “chapa branca”/ institucionais, como para sua dimensão dialética, complexa e multifacetada, de recomposição dos conflitos, presente em poucos cineastas da nossa história. A experiência crítica e seus desdobramentos ficam com você-espectador.



Sessão #9

AFETO E AMIZADE

14/mai_2016 | 18h

RUA GENERAL TITAN, 375,
próximo à casa da Gleiciane

REALIZAÇÃO: *Coletivo AudioVisual do Titanzinho e
Associação dos Moradores do Titanzinho.*

ORGANIZAÇÃO: Pedro Fernandes, Priscilla Sousa,
Deisimer Gorczewski, Ana Paula Veras, Sabrina
Araújo, Maria Fabiola Gomes e Gerardo Rabelo.

CURADORIA: Bruno Ribeiro, Maria Fabiola Gomes,
Priscilla Sousa, Ana Paula Veras
e Deisimer Gorczewski.

COLABORADORES: João Miguel Lima, Ceci Shiki,
David Oliveira, Amanda Nogueira, Nataska Conrado,
Raisa Christina e Samuel Brasileiro.

APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
- Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC;
Funcap; Coletivo Aparecidos Políticos;
Bar do Surf; Vini Cópias; Servilost.





FILMES

Leonel Pé-de-Vento

Jair Giacomini

Brasil | RS | 2006 | Fic. | 14'56"

Leonel nasceu pé-de-vento e por isso vive isolado. Quando Mariana se aproxima dele, os dois descobrem a importância da amizade e da convivência com as diferenças.

>>

Balanços e Milkshakes

Erick Ricco e Fernando Mendes

Brasil | SP | 2010 | Fic. | 9'55"

Um amor vivido por duas crianças é lembrado por um narrador.

Vida de Cachorro

Charles Chaplin

EUA | 1918 | Fic. | 10'

[trecho]

O vagabundo Carlitos salva a vida de Scraps, um cachorro que está sendo atacado por outros cães. Com Scraps escondido dentro de suas calças, o vagabundo entra num salão de baile, onde uma cantora é explorada pelo proprietário do estabelecimento. Quando ladrões roubam a carteira de um milionário bêbado, Carlitos tem a chance de mudar de vida.

Todos São Francisco

Nany Oliveira

Brasil | CE | 2010 | Doc. | 15'17"

Histórias de uma família que mora no Morro de Santa Terezinha a partir de seus depoimentos e imagens do cotidiano dos personagens.

Lição de Esqui

Samuel Brasileiro

e Leonardo Mouramateus

Brasil | CE | 2013 | Fic. | 23'49"

Neve é água. Água é água.

Capoeira, o Valor de uma Amizade

José Moreira (Pastinha)

Brasil | CE | 2008 | Fic. | 17'29"

Dois amigos descobrem o valor da amizade e da união através da capoeira, jogo de luta baseado na solidariedade e na coletividade. Filme realizado no Serviluz, em Fortaleza.

Atrás do Farol Tem uma Rua

Coletivo Audiovisual

do Titanzinho, com participação de Carlos Eduardo Freitas

(Cadu Freitas)

Brasil | CE | 2015 | Doc. | 10'

Com a questão: "como é viver com a rua, o bairro e a cidade?" os moradores da rua General Titan, no bairro Serviluz, em Fortaleza, são convidados a contar histórias vividas com a rua ameaçada pelas políticas de remoção, desde suas primeiras formações. A rua se apresenta como espaço-tempo de encontro e partilha.

NINGUÉM MENTIU para mim quando disseram que fazer cinema seria muito desafiador. Essa escolha é quase como nadar contra uma forte correnteza marítima. Você se esforça ao máximo, mas parece nunca sair do lugar. O mar se modifica, o céu se modifica e então começa-se a ficar cansado e fatigado. Porém há um diferencial em ir contra a corrente fazendo cinema: não se nada sozinho.

Diversas mudanças dentro da arte cinematográfica surgiram da reunião de jovens intrigados com o que estava acontecendo no mundo e instigados a transformar essas inquietações em imagem. A Nouvelle Vague Francesa, por exemplo, surge de um grupo de cinéfilos que decidem começar a escrever e produzir cinema de forma independente. Desse modo é difícil categorizar as relações de trabalho no cinema somente como profissionais. Ou, pelo menos, é assim que eu gosto de pensar. Se fazer cinema é uma escolha de resistência, é melhor resistirmos com as pessoas de quem gostamos.

Entrelaçar o cinema com as amizades e os afetos que acolhemos é um dos gestos mais bonitos de se pensar as relações dessa arte com a vida. Por mais que tenhamos que ser profissionais, é preciso também se pensar outro modo de se trabalhar. Não só os filmes são um reflexo do mundo que habitamos, mas também o processo que propomos para a sua realização. Os fins não justificam os meios, pois temos a autonomia e a criatividade para observar o que nos rodeia e decidirmos o que queremos manter e modificar quando vamos realizar uma obra audiovisual. Vamos misturar as amizades, os afetos, as referências, as funções, e vamos repensar um mundo que nos interesse de um modo que não seja imposto.

SAMUEL BRASILEIRO

*Cineasta
formado em
Cinema e
Audiovisual
mestrando em
Comunicação
pela UFC e
Colaborador
do Cine Ser
Ver Luz.
Dentre seus
trabalhos
de destaque
estão "Biquíni
Paraíso" e
"O Animal
Sonhado".*

PEQUENA REFLEXÃO SOBRE A AMIZADE

**MARIA
FABIOLA
GOMES**

*Graduada
em Cinema e
AudioVisual na
UFC. Graduada
em Letras
na UECE.
Moradora
do bairro,
atuando
no Coletivo
AudioVisual do
Titanzinho e
no Projeto Cine
Ser Ver Luz*

A AMIZADE PRESSUPÕE afinidade, mas sabemos que não é preciso ser igual ao outro para seguir com ele. Talvez baste somar e compartilhar a vida. Talvez baste respeitá-lo e amá-lo do jeito que ele é.

Acima da igualdade, é saber lidar com as diferenças, reconhecer-se nos detalhes e, mesmo longe ou em silêncio (que pode durar segundos ou anos), comunicar e ser claro, sem grandes explicações.

Tudo é simples nas grandes amizades.

O cinema já nos encantou mostrando isso inúmeras vezes, e em todas elas aprendemos um pouquinho mais sobre esta que aparenta ser a mais importante relação a ser construída por cada indivíduo durante o desenrolar da vida.

Fazer amigos constitui parte do desafio de se encontrar.

NA SEMANA PASSADA, decidi que iria levar minha filha de dois anos e meio para estudar em outra escola, uma que estivesse mais dentro do meu orçamento e mais perto de nossa casa. Era sexta-feira, e eu expliquei à Catarina que aquele seria o último dia na escola em que ela havia ingressado pouco mais de três meses antes. Ela me ouviu com certa atenção, enquanto cantarolava baixinho. Ao chegar na sala de aula, em meio a quinze crianças, ela escolheu correr em direção a duas delas: Pedro e Maria.

Da janela, pus-me a observá-los. Eles se olhavam, faziam gestos com as mãos, alegres, e trocavam sons que eu não captei exatamente como palavras. Eram cumprimentos, sem dúvida. Catarina encostou devagarzinho o rosto nos dois, acariciou suas barrigas e beijou-lhes os pequenos narizes e bochechas. Eles se gostavam. Eram amigos. Eu me perguntava como a amizade acontece nessa idade. Que laços são esses que inventamos com alguns outros, especiais para nós, e não com qualquer um?

Hoje sei pouco dos meus grandes amigos de infância. Raros são aqueles com os quais ainda mantenho relações. Não sei bem o que nos uniu na infância e a partir de que ponto em nossas trajetórias nos distanciamos de modo a nos perder de vista completamente. Na adolescência, a vida em outra cidade me trouxe novas companhias. Algumas estão comigo até hoje. É difícil recordar a escola, a vizinhança, as férias, as primeiras noites bêbadas e os possíveis romances tímidos sem a presença dos nossos amigos, a nos injetar doses de coragem para seguir.

Quando ouvi uma querida professora falar sobre o conceito de “conversar” para o biólogo e epistemólogo chileno Humberto Maturana, entendi que os amigos são aqueles com os quais de fato conversamos sinceramente ao longo da vida. Conversar no sentido de “dar voltas com” o outro; a conversa atuando na convivência como plano entrelaçado entre o linguajar e o emocionar (MATURANA, 1993). Então, Catarina, Pedro e Maria estavam sim conversando naquele dia, mesmo que sem palavras, mas com outros sons, olhos atentos, mãos curiosas. Que sigamos juntos, a conversar, ainda que sem rumo certo!

**RAISA
CHRISTINA**

*Artista
Visual, Mãe
de Catarina,
Mestre em
Artes pelo
PPGArtes
ICA/UFC e
Colaboradora
do Cine Ser
Ver Luz.*

Sessão #10

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS

28/mai_2016 | 18h

PRACINHA NA RUA

NEZITA PEREIRA,

próximo ao Kennedy

REALIZAÇÃO: *Coletivo AudioVisual do Titanzinho e Associação dos Moradores do Titanzinho.*

ORGANIZAÇÃO: Pedro Fernandes, Priscilla Sousa, Deisimer Gorczewski, Ana Paula Veras, Maria Fabiola Gomes, Sabrina Araújo e Gerardo Rabelo.

CURADORIA: Amanda Nogueira, Samaísa dos Anjos, Priscilla Sousa, Ana Paula Veras e Deisimer Gorczewski.

COLABORADORES: João Miguel Lima, Nataska Conrado, Marcelo Magalhães, Diego Hoefel e Cadu Freitas.

APOIO: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Edital Cinema e Vídeo; PPGArtes | ICA | UFC; Coletivo Aparecidos Políticos; Bar do Surf; Vini Cópias; Servilost.





FILMES

Gambiarra

Lucia Palmeiro

Brasil | RS | 2016 | Fic. | 1'

Fios se movem. Tudo se comunica.

Viagem à Lua

Georges Méliès

França | 1902 | Fic. | 14' 53"

Um grupo de homens viaja à Lua, sendo levados por uma cápsula lançada de um canhão gigante, mas acabam sendo capturados por homens-lua.

Boca a Boca

Allan Ribeiro

Brasil | RJ | 2003 | Fic. | 17'

João e Maria não querem almoçar com os amigos. Precisam inventar uma desculpa. Como fazer isso sem perder a dignidade?

>>



Comunicando

Telmo Carvalho

Brasil | CE | 2011 | Fic. | 5'

Apesar do desenvolvimento na comunicação, o homem não consegue se comunicar.

Disseminando Ideias e Influenciando Pessoas

Felipe Rodrigues

Brasil | SP | 2010 | Doc. | 15'20"

Onde o rap é o som, o filme destrincha o que há por trás da arte de Emicida e o seu modo criativo de distribuição e divulgação.

Gambiólogos 2.0 - A Gambiarra nos Tempos do Digital

Coletivo Gambiologia

Brasil | 2014 | Doc. | 1'30"

Fred Paulino, curador e organizador da mostra, apresenta sua proposta curatorial. Gambiólogos 2.0 - a Gambiarra nos Tempos do Digital. De 09/06 a 17/08/2014 no Oi Futuro BH. Belo Horizonte, MG, Brasil. Realização: Coletivo Gambiologia <gambiologia.net>. Vídeos por Apiário <apiario.net>.

Gambiociclo -

Festival Arte.mov

Mariana Andrade

Brasil | 2010 | Doc. | 1'55"

Porto Alegre, novembro 2010. Primeira jornada do Gambiociclo, durante o Festival Arte.mov. Coletivo Gambiologia <gambiologia.net>.

Bom Dia, Meu Nome é Sheila

Angelo Defanti

Brasil | RJ | 2009 | Fic. | 17'

... Ou Como Trabalhar em telemarketing e Ganhar um Vale-Coxinha. Fagner vendia planos de saúde pelo telefone usando a lista de assinantes residenciais do Rio de Janeiro. Valéria trabalha há 19 anos numa das maiores centrais de teletendimento do país. O telemarketing é o setor da economia que mais cresce e contrata hoje no Brasil com cerca de 700 mil operadores. Alguns deles estão neste filme. Baseado na impressionante reportagem publicada na revista Piauí.

Carrim das Artes

Coletivo Audiovisual do Titanzinho

Brasil | CE | 2015 | Doc. | 10'

O vídeo apresenta o processo de criação, prototipagem e produção de um carrinho ambulante para as intervenções do **Cine Ser Ver Luz** com as ruas do bairro. As duas primeiras fases foram fruto da experiência de aproximação entre duas comunidades que realizam cinema com as ruas – Titanzinho e Lauro Vieira Chaves – e a Universidade Federal do Ceará, mais precisamente o Programa de Pós-Graduação em Artes e o Curso de Arquitetura, Urbanismo e Design.

All Is Full of Love | Björk

Chris Cunningham

Reino Unido | 1999 | Videoclipe | 4'09"

Clípe da música "All is full of love" da cantora Björk.

UM DIA ESTAVA caminhando pela rua até a parada e ameacei pegar um ônibus. Enquanto me preparava para correr, olhei para a casinha da parada e lá estava uma senhora, sentadinha, usando seu celular. Consegui entrar no bendito ônibus. Mas aquela mulher me movimentou a viagem inteira. Essa cena se passou em algum momento do meu começo de juventude, tempos em que o uso da internet via dispositivos móveis, especialmente o celular, não era tão expressivo quanto o de computadores.

Hoje a nossa experiência com esses dispositivos, por mais que ainda esteja aquém do que um dia poderá estar, já demonstra que o que temos não é uma fixação por estes mecanismos e plataformas de interação. Nutrimos, em verdade, uma verdadeira necessidade do outro – e de outros.

Carta, pombo-correio, cartões, piscadelas, telefone. Diversas outras estratégias e técnicas de comunicação envolvem tecnologia. A fala é uma tecnologia. É uma arte de produzir comunicação. E, em toda a história do desenvolvimento tecnológico humano, várias técnicas e produções científicas aconteceram para, justamente, gerar comunicação. *O Coletivo AudioVisual do Titanzinho* também explora essa dinâmica. Por meio da produção e exibição de filmes, impulsiona o diálogo e a reflexão.

A sessão *Comunicação e Tecnologias* nos convida a pensar em um metacinema. Falar sobre comunicação a partir de algo que também a produz. Tecnologia como possibilidade de comunicação. Um momento de espraiamento de sentidos e potências que não se esgotam, reproduzindo-se em rede, recriadas continuamente em nossas tecnodinâmicas cotidianas.

**AMANDA
NOGUEIRA**
*Jornalista,
Mestre em
Comunicação
pela UFC e
Colaboradora
do Cine Ser
Ver Luz*

COMUNICAÇÃO E PLURALIDADES

**CARLOS
EDUARDO
FREITAS
(CADU
FREITAS)**

*Graduado em
Jornalismo
pela UFC,
Colaborador
do Cine Ser Ver
Luz, Cinéfilo
assumido,
Colecionador
de bons
momentos e
Viajante dos
caminhos que
a vida dá.*

DESDE QUE O MUNDO é mundo e o ser humano o habita, a comunicação tá ali no meio. Foi a partir dela que se constituíram as primeiras relações amorosas, os primeiros casais, as primeiras tribos e, com elas, as pinturas rupestres. A sociedade, obviamente, só existe hoje, complexa à sua maneira, graças às comunicações: no plural.

A pluralidade da comunicação é o que excita. É possível utilizá-la como instrumento a partir de texto (como agora), de risos, de gestos, ações, sentidos, sentimentos, momentos, lembranças, sobrancelhas arqueadas e por tantas outras formas que não caberiam de jeito nenhum neste pequeno espaço que, certamente, estou tendo para me comunicar.

A gente é que não percebe que o tempo todo tá fazendo comunicação. Desde a escolha da roupa para ir ao trabalho até o modo como andamos na cidade, tudo o que fazemos e pensamos fazer diz muito de quem somos para as pessoas com quem cruzamos.

Até a comunicação no singular, aquela feita com nós mesmos, de fora pra dentro, é uma forma de chegarmos ao nosso interior. Sem falar das formas app-tecnológicas-de-relação atuais, que nos condicionam a ver e responder como a técnica do martelinho no joelho: instantaneamente. Não como o miojo, até porque, hoje em dia, três minutos são uma eternidade!

Bom mesmo é pegar a comunicação e utilizá-la como moeda de troca. Para trocarmos olhares e gestos, sorrisos e afagos, trocarmos carinhos, trocarmos blefes, trocarmos abraços e beijos. Bom mesmo é fazer tudo isso e ver um filme que troque um tantão de audiovisual por um pouquinho de afeto.



Sessão Comunicação e Tecnologias

28/Maio às 18h

Local: Pracinha na Rua Nérita Pereira (próximo ao Kennedy)

O QUE SERÁ VER LUZ

1. Festival Sudeste





VEEM CINEMA UM FAROL E ALGUNS CATA-VENTOS

Com um cinema, um bairro. Com um bairro, uma cidade. Com uma cidade, muitos cinemas. Ser Ver Luz, Serviluz, Fortaleza. Um cineminha com a rua Leite Barbosa, na praça Tiago Dias; outro com a Pontamar; outro com a General Titan; outro com a Vicente de Castro; outro com a Murilo Borges; outro ainda com a pracinha na rua Nezita Pereira; outros dois com outras duas pracinhas: a da Estiva e a São Francisco; dois outros, por duas e distintas vezes, com o Farol do Mucuripe. Outros tantos... Todos e cada um com os moradores das ruas, do bairro, da cidade, com outros bairros e ruas, porém. Também com outras cidades: com as que chegam conosco — vividas, passadas, projetadas, imaginadas —, e com as que derivam pequenininhas nos ventos fortes, partículas de territórios que vêm do mar, de urbes, vilas, povoamentos, localidades outras; de fragmentos próximos e distantes de peles, mundos e estrelas.

Bem aqui, onde o chão é um pouquinho mais alto, o Farol do Mucuripe, e logo ali, num bracinho arenoso de continente no mar, na Praia Mansa, enormes cata-ventos observam essas migrações e imbricamentos sutis. Veem todos esses cinemas acontecerem. Veem também as crianças a brincar na praia das Pedrinhas; os surfes das galeras no *Titanzim* e no *Vizim*; arraias no mar e no céu. Veem dancinhas e *sonzeras* nos saraus Farol Roots; apresentações teatrais e musicais; reuniões nas associações; batucadas e batidas. Veem papos de calçada e fins de tarde dos mais bonitos da cidade. Veem emoções de tonalidades diversas ocupando as ruas. Veem moradores e seus convidados a conversar sobre seus desejos e encontros por meio dos encontros e desejos entre juventudes, luzes, tintas, papéis e muros.

O Farol e as ventoinhas veem ainda Pedro a deslizar na beirinha do mar em cima de uma taubinha e a se achar nos encontros e conversas pelo bairro. Veem Pri a pegar sol e fotografar de forma singular amizades e paisagens do Serviluz. Veem Spote a mergulhar, desenhar e abraçar seus afetos queridos. Veem Fabiola a pesquisar o cinema que acontece com o Serviluz e a dizer de seu carinho pelo bairro. Veem Gerardo a aventurar-se entre filmes e a listá-los aos montes. Veem Deisimer a conversar e instigar atravessamentos. Veem Sabrina a criar cartazes para divulgar as sessões e depois muitas mãos

diferentes a colá-los pelas ruas, em casas e postes. Veem cada colaborador e colaboradora trabalhar em cooperação com o cine: a gravar *spots* de divulgação das atividades; a dar sugestões de filmes; a realizar curadorias; a sugerir e/ou firmar parcerias; a partilhar ideias; a fotografar; a ajudar na produção das sessões; a escrever textos. Com estes, veem João a produzir fanzines com zelo. Veem pessoas que — entre idas e vindas, vindas e idas — ficam, para juntas verem filmes. Veem uma cidade a se encontrar com um bairro e seus cinemas possíveis.

Observam as caminhadas feitas com o *Carrim* das Artes, este que, com o *Coletivo AudioVisual do Titanzinho*, com seus amigos e amigas e com quem mais espontaneamente se junta às andanças, olha de pertinho as ruas do bairro e traz consigo — tanto com seu baú sobre rodas, como, e principalmente, com o que movimenta por onde passa, ao passear —, parte do que o cine precisa e quer para acontecer. Acompanha-nos — nós, espectadores-inventores, felizmente insaciáveis; nós, **CINE SER VER LUZ** — a nos movermos, a percorrermos e ocuparmos espaços públicos, espaços de convivência, e nisso a encontrarmos e atualizarmos algumas das marcas do cine no bairro, a produzirmos outras, a inventarmos constantemente a nós mesmos e as coletividades que compomos, a visitarmos alegrias, dores, odores, sabores e amores, paisagens e horizontes do Serviluz e de Fortaleza.

Com nossas ruas, praças, praias; com nossos pedaços de chão sobre pedaços de céu qualquer; com o mar que nos assiste e nos fortalece; com o *Carrim*; com o Farol e os cata-ventos a nos olhar e conosco estar, o cinema a ver, a ser luz-vento, vento-luz.

NATASKA CONRADO

(Co)move-se com encontros, afetividades e invenções com cinemas.

Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes | ICA | UFC), bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e integrante do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR). É colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

ZINES DO CINE, PEQUENOS GRANDES CONVITES

O **Cine Ser Ver Luz** acontece quando a imagem em movimento é projetada para conviver com as ruas, acontece quando luzes, sons e narrativas atraem e encantam. O momento de exibição é certamente o ponto alto, mas o Cine, na verdade, vai acontecendo até acontecer. É um desenrolar que se dá nas semanas, nos dias antes. Cada sessão é a culminância de esforços de curadoria de filmes, para compor a programação, e de logística, para organizar apoios e montar tela, projetor, cadeiras. Os bastidores são impressionantes. É quando os afetos se pronunciam com intensidade, surgem apoiadores inesperados e gambiarras resolvem dificuldades.

Tal como os “mundos” da arte,¹ nos quais uma atividade só se torna possível quando pessoas de diferentes saberes cooperam, os cineclubes feitos com as ruas são a convergência de pessoas movidas pelo desejo de ver filmes, numa experiência estética que se partilha com amigos e amores, vizinhos e familiares.

Nesse processo, colaborei com pequena tarefa: os zines de programação. Zines (ou fanzines) são publicações que podem ter elaboração manual (compostas de colagens, escritos e/ou desenhos), computadorizada ou combinada entre artesanal e digital. São também quase sempre de pequena tiragem, rodados em impressoras ou fotocopiadoras. A programação do Cine chegava a mim por e-mail, eu preparava o zine no computador de casa, dialogando até que o arquivo estivesse pronto para a gráfica. Horas depois nasciam dezenas de zines, que fizeram o passeio de suas vidas principalmente pelas ruas do Serviluz. Nos dias que antecediam as sessões, o *Coletivo AudioVisual* percorria o bairro com o Carrim das Artes a projetar música e spots de divulgação, e os zines iam junto, passeando de mão em mão, a fazer convites.

O gesto de dar um zine a alguém é fazer um convite. Esse gesto revira lembranças adolescentes com meus próprios zines, na dúvida de compartilhar ou não algo que eu tinha feito. Conheci os zines na escola como um modo de comunicação alternativa. Criá-los coletivamente foi uma possibilidade

que me animou, então puxei o barco e fiz convites: quem se anima junto? A cada zine, fomos criando um modo de fazer zines. Imprimir, dobrar os exemplares e vê-los prontos fazia tudo valer a pena, e distribuir os exemplares a amigos e desconhecidos era fazer convite para outras conversas. Tem algo que se dá antes e depois do zine que é mais que comunicação; são encontros do estético, do político e do afetivo. Pequenos grandes encontros.

Os zines do Cine tiveram formato de bolso para passear de mão em mão, formato de convite para o encontro do cinema com as ruas do Serviluz e com o mundo.

JOÃO MIGUEL LIMA

Sociólogo-etc., integrante do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR) e colaborador do **Cine Ser Ver Luz**.

¹ BECKER, Howard S. Mundos da arte. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

ALINE ALBUQUERQUE. Artista Visual e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes | ICA | UFC), foi bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Participa do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR). É Colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

AMANDA NOGUEIRA. Jornalista, Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM | ICA | UFC). Foi bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). É colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

ANDRÉ AGUIAR. Professor no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), realiza Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Ceará (PPGHistória | UFC). Doutor e Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Colaborou com a pesquisa *In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Porto Alegre e Fortaleza*, no ICA | UFC. Morador do Serviluz e colaborador da *Associação dos Moradores do Titanzinho* e do **Cine Ser Ver Luz**.

CARLA GALVÃO FARIAS. Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes | ICA | UFC). Graduada em Design de Moda, na UFC. É Colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

CARLOS EDUARDO FREITAS (CADU FREITAS). Graduado em Jornalismo pela UFC, Colaborador do **Cine Ser Ver Luz**, Cinéfilo assumido e Colecionador de bons momentos e Viajante dos caminhos que a vida dá.

DEISIMER GORCZEWSKI. Colaboradora do *Coletivo AudioVisual do Titanzinho*. Pesquisadora no Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR) e Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes ICA | UFC. Doutora em Comunicação e Coordenadora da Pesquisa Cinema *In(ter)venções: Cine Ser Ver Luz*”.

EDUARDO ESCARPINELI. Músico e Pesquisador em Arte Sonora e Audiovisual. É Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes | ICA | UFC). É Colaborador do **Cine Ser Ver Luz**.

GERARDO DOS SANTOS RABELO. Fotógrafo e Realizador Audiovisual amador, atuando no *Coletivo AudioVisual* e na *Associação dos Moradores do Titanzinho*. Participa na pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz*, no PPGArtes ICA|UFC. Atualmente, coordena o Projeto **Cineclub Ser Ver Luz** aprovado no Edital Cinema e Vídeo Secult. Graduado em Ciências Contábeis na Faculdades Nordeste (FANOR). Graduando no curso de Matemática, na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

GLÓRIA DIÓGENES. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Coordenadora do Laboratório das Juventudes (Lajus) da UFC e Membro-Fundadora da Rede Luso-Brasileira de Pesquisadores em Artes e Intervenções Urbanas.

JOÃO MIGUEL LIMA. Colabora com a Pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz* e com o Projeto **Cineclub Ser Ver Luz**, fazendo zines de programação. É Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Participa do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR), no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes ICA | UFC).

MARIA FABIOLA GOMES. Graduada em Cinema e AudioVisual na Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Letras na UECE. Moradora do bairro atuando no *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* e no Projeto **Cine Ser Ver Luz**. Participou na pesquisa *In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre*, na UFC e, atualmente, na Pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho - Cine Ser Ver Luz*, no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes | ICA | UFC).

NATASKA CONRADO VEIGA BRAGA. (Co)move-se com encontros, afetividades e invenções com cinemas. Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes | ICA | UFC), bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e integrante do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR). É Colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

PEDRO FERNANDES. Coordenador da *Associação dos Moradores do Titanzinho*, atuando no *Coletivo AudioVisual* e no Conselho Popular do Serviluz. Diretor do vídeo “Ibioara” – realizado através de edital público pelo Núcleo de Produção Digital Vila das Artes, Secretaria de Cultura da Prefeitura de Fortaleza. Também participa do Coletivo Servilost e da Pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho: Cine Ser Ver Luz*, no PPGArtes | UFC.

PRISCILLA SOUSA. Fotógrafa e Cantora Amadora participa do *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* e no Servilost. Colaboradora de trabalhos audiovisuais realizados na Escola Porto Iracema das Artes. Coordenou o projeto Serviluz das Artes: EcoVisuais - Edital Coordenação de Juventude de Fortaleza. Participa do Projeto **Cineclubes Ser Ver Luz**- Edital Cinema e Vídeo da Secult e da Pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho: Cine Ser Ver Luz*, no PPGArtes | UFC.

RAISA CHRISTINA. Artista Visual, Mãe de Catarina e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes | ICA | UFC). Foi bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). É Colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

SABRINA ARAÚJO. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Participou na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes, na UFC. Atua no *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* e no Coletivo Aparecidos Políticos. Coordenou o Projeto Serviluz das Artes - Edital Coordenação de Juventude de Fortaleza e na Pesquisa *Coletivo AudioVisual do Titanzinho: Cine Ser Ver Luz*, no PPGArtes | UFC.

SAMUEL BRASILEIRO. Cineasta formado em Cinema e Audiovisual e mestrando em Comunicação pela UFC e Colaborador do **Cine Ser Ver Luz**. Dentre seus trabalhos de destaque estão “Biquíni Paraíso” e “O Animal Sonhado”.

VALÉRIA PINHEIRO. Pesquisadora do Laboratorio de Estudos da Habitação (LEHAB/UFC) e Militante da Frente de Luta por Moradia. Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará e Mestra em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. É Colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

VICTOR FURTADO. Realizador e Pesquisador de Cinema. Graduando em Teatro pela UFC. Colabora com o **Cine Ser Ver Luz**.

APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES

ANA PAULA VERAS. Mestranda em Artes e Graduada em Cinema e Audiovisual na UFC. Participou do curso “Vídeo ao vivo: vídeo arte, instalações e projeções”, no Porto Iracema das Artes e do workshop “Ocupações”, no CCBNB. Foi bolsista PIBIC – Funcap da pesquisa e intervenção *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* – **Cine Ser Ver Luz**, no PPGArtes ICA | UFC. Acompanhou o projeto **Cineclubes Ser Ver Luz**, aprovado no edital de Cinema e Vídeo - Secult-CE. Participa do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR). É colaboradora do **Cine Ser Ver Luz**.

BRUNO RIBEIRO (SPOTE). Iniciou no graffiti de rua em 2008, desde então, dedica-se à pintura urbana e o aprimoramento da técnica. Participou de inúmeros encontros voltados à arte, em Fortaleza e em outras cidades do Brasil. Participou do Projeto Serviluz das Artes, aprovado no Edital da Coordenação de Juventude de Fortaleza. Morador do Serviluz participa do Coletivo Servilost e colabora com a *Associação dos Moradores do Titanzinho* e o **Cine Ser Ver Luz**. Graduando em Artes Visuais no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

CECÍLIA SHIKI. Artista graduada pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes | ICA | UFC) e integrante do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR). Colabora com as intervenções do *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* e com o **Cine Ser Ver Luz**. Atuou como educadora no Projeto Serviluz das Artes, aprovado no Edital da Coordenação de Juventude de Fortaleza.

EMÍLIA DUARTE SCHRAMM. Graduanda em Cinema e Audiovisual na UFC. Participa da pesquisa e intervenção *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* – **Cine Ser Ver Luz**, no PPGArtes ICA | UFC. Bolsista PIBIC – UFC. Colabora com o *Coletivo AudioVisual do Titanzinho*. Acompanhou o Projeto Serviluz das Artes – EcoVisuais aprovado no Edital da Coordenação de Juventude de Fortaleza.

YURI PEIXOTO. Graduando em Cinema e Audiovisual na UFC. Participou da pesquisa e intervenção *Coletivo AudioVisual do Titanzinho* – **Cine Ser Ver Luz**, no PPGArtes ICA | UFC. Foi Bolsista PIBIC – UFC Voluntário.

APOIO



BAR DO CHILA







Imprensa
Universitária
UFC

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Fundos - Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará
imprensa@proplad.ufc.br



ISBN 978-85-7485-363-5



9 788574 853635



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



Imprensa
Universitária
UFCE

REALIZAÇÃO



Associação
de Moradores
do Titanzinho

FINANCIAMENTO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

facebook.com/cineclubeserverluz

cineclubeserverluz.wordpress.com